



CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA

MARIANA VALIM

**A EDUCAÇÃO MUSICAL
E O DESENVOLVIMENTO VOCAL INFANTIL
NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

IVOTI
2017

MARIANA VALIM

**A EDUCAÇÃO MUSICAL
E O DESENVOLVIMENTO VOCAL INFANTIL
NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada, pelo Curso de Licenciatura em Música do Instituto Superior de Educação Ivoti – ISEI.

Orientadora: Ma. Joana Haar Karam

IVOTI
2017

MARIANA VALIM

A EDUCAÇÃO MUSICAL E O DESENVOLVIMENTO VOCAL INFANTIL NOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Ivoti como
requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Música.

Ivoti, 21 de outubro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Profª Ma. Joana Haar Karam (orientadora)

Instituição: Instituto Superior de Educação Ivoti

Assinatura: Joana Haar Karam

Profª Ma. Vera Kern Hoffmann

Instituição: Instituto Superior de Educação Ivoti

Assinatura: Vera Hoffmann

Prof. Dr. Eduardo Vagner Soares Pastorini

Instituição: Instituto Superior de Educação Ivoti

Assinatura: Eduardo Vagner Soares Pastorini

Dedico este trabalho a todos
os que ainda acreditam na causa da Educação,
aos que conservam o brilho no olhar com o aprender
e aos que entendem a transcendência da Música.

AGRADECIMENTOS

Aos pais, pela educação motivadora, valorizando o conhecimento e formação, todo o apoio técnico, logístico e financeiro, sem os quais não seria possível a realização desta pesquisa.

Aos filhos e familiares, pela doação de seu tempo e espaço, pela compreensão e motivação para o avanço.

À orientadora, pelo olhar atento, a troca de saberes, os questionamentos e detalhamentos, para orientar o pensamento e as ansiedades.

Aos professores, que compreendem a tarefa árdua de ensinar.

Aos amigos e apoiadores, que entenderam minha falta, torceram, incentivaram e motivaram minha caminhada.

Aos opositores, por que, ao dizerem que eu não poderia, promoveram o impulso necessário para provar-me que estavam errados.

À vida, pela saúde, vigor e oportunidades para chegar onde estou.

Ao caminho, que nele sigo adiante...

“Se fosse ensinar a uma criança a beleza da música não começaria com partituras, notas e pautas. Ouviríamos juntos as melodias mais gostosas e lhe contaria sobre os instrumentos que fazem a música. Aí, encantada com a beleza da música, ela mesma me pediria que lhe ensinasse o mistério daquelas bolinhas pretas escritas sobre cinco linhas. Porque as bolinhas pretas e as cinco linhas são apenas ferramentas para a produção da beleza musical. A experiência da beleza tem de vir antes”

Rubem Alves

RESUMO

A Educação Musical nos Anos Iniciais, até mesmo antes, tem como um dos pilares o desenvolvimento vocal das crianças, com um trabalho voltado para o aprimoramento das habilidades necessárias para este: respiração, apoio vocal, articulação, colocação, afinação. Com este, pretende-se que a criança tenha condições de utilizar seu aparelho vocal adequadamente para o canto, aproveitando sua predisposição, orientando para que seu desenvolvimento seja natural e espontâneo. O canto utiliza-se de técnicas que aprimoram e treinam um instrumento vocal, prevenindo a correção de deformações e desgastes devido à função e formação inadequada. Esta pesquisa abrange o conhecimento sobre o desenvolvimento vocal infantil para o canto e a fala, baseando as técnicas e teorias em correntes pedagógicas e da Educação Musical. Também contém o relato da pesquisa ação realizada com um grupo de crianças que apresentavam dificuldades de voz e de fala, denominado Laboratório Vocal, dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em uma escola pública da região da Encosta da Serra Gaúcha. O trabalho destinava-se a realizar atividades musicais que estimulassem o desenvolvimento da voz, fala e linguagem, como versos, parlendas, sons e canções de fácil aprendizado, além de conscientização sobre o correto uso do seu aparelho vocal. Uma das partes da pesquisa também previa o treinamento de professores para identificação de dificuldades de voz e fala.

Palavras-chave: Educação Musical. Canto infantil. Desenvolvimento vocal infantil. Música na Escola. Educação Musical no Currículo. Linguagem.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Aproximação das pregas vocais para produção vocal	18
Figura 2 – Alunos encaminhados em cada Ano do Ensino Fundamental.....	41
Figura 3 – Dificuldades dos alunos citadas pelos professores	41
Figura 4 – Maquete das pregas vocais	44
Figura 5 – Localização da produção de fonemas.....	45

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Etapas de desenvolvimento vocal infantil para o canto	22
Quadro 2 – Etapas da formação da linguagem na criança.....	24
Quadro 3 – Ficha de Encaminhamento para professores	40

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
EMEI's	Escolas Municipais de Educação Infantil
Hz	Hertz
NAI	Núcleo de Apoio à Inclusão
NEE	Necessidades Educativas Especiais
PET	Polietileno tereftalato

SUMÁRIO

1	A EDUCAÇÃO MUSICAL E O DESENVOLVIMENTO VOCAL INFANTIL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:	12
1.1	O ENSINO DE MÚSICA NAS ESCOLAS ENFATIZANDO O CANTO COMO UMA DAS BASES DA MUSICALIZAÇÃO INFANTIL: FORMAÇÃO INTEGRAL E O ENSINO DA MÚSICA	13
1.2	A PRODUÇÃO VOCAL PARA O CANTO: GERAL E VOZ INFANTIL.....	17
1.2.1	Conceito de voz falada e voz cantada	17
1.2.2	A técnica vocal para o canto na formação fonológica de crianças	20
1.3	PROCESSOS DE FORMAÇÃO DA LINGUAGEM	23
1.3.1	J. Piaget: a função semiótica e os sistemas de representação	25
1.3.2	L. S. Vygotsky: significado nas relações entre pensamento e linguagem.....	26
1.3.3	Problemas mais comuns no desenvolvimento da emissão vocal em crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental	28
1.3.3.1	O desenvolvimento vocal e a expressão artística como auxiliar nas dificuldades vocais	31
2	PRÁTICA DA PESQUISA AÇÃO, APLICANDO OS DADOS COLETADOS	35
2.1	DESCRIÇÃO DOS ITENS DE PESQUISA AÇÃO: AULAS DE MÚSICA ORIENTADAS PARA O DESENVOLVIMENTO VOCAL COM CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL QUE APRESENTEM DIFICULDADE DE FONOAÇÃO	35
2.1.1	Levantamento de dados sobre saúde vocal dos alunos da escola	36
2.1.1.1	Entrevista com a Coordenadora Pedagógica:	37
2.1.1.2	Entrevista com Fonoaudióloga	38
2.1.2	Seleção e encaminhamento de alunos para a pesquisa	39
2.1.3	Planejamento dos encontros.....	42
2.2	TREINAMENTO DE PROFESSORES PARA IDENTIFICAÇÃO DE DIFICULDADES DE FALA EM ALUNOS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	49
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	52

3.1	ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA AÇÃO: AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DOS ALUNOS.....	52
3.1.1	Respiração: verificação se o aluno estava avançando na percepção e controle nos tipos costo-diafragmática, oral, nasal ou mista.	52
3.1.2	Emissões Vocais: esta parte era avaliado o tipo de vibração e se o aluno avançava na modulação de altura dos sons	53
3.1.3	Articulação e ressonância: avaliação da articulação dos fonemas, reconhecimento dos sons e ressonância, projetando adequadamente a voz para a fala e o canto	56
3.2	CONSIDERAÇÕES FINAIS, RELACIONANDO COM O REFERENCIAL TEÓRICO ESTUDADO	59
3.3	AS AULAS DE MÚSICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DOS INDIVÍDUOS.....	62
	REFERÊNCIAS	65

1 A EDUCAÇÃO MUSICAL E O DESENVOLVIMENTO VOCAL INFANTIL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:

A lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008, que determina a presença do ensino de música nas escolas como um processo pedagógico, de forma sistemática e contínua, incentiva uma educação musical “para todos”. Altera o art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a LDB, afirmando que “a música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular.” (BRASIL, 2008). Essa abertura traz a tona a temática da formação integral do indivíduo, cujo enfoque confirma-se no processo pedagógico musical com o trabalho de construção de habilidades que envolvem perceber, sentir, experimentar, imitar, criar e refletir, sem a pretensão de formação profissional de músicos do amanhã, trazendo a possibilidade de que o canto seja uma das práticas cotidianas nas aulas de Educação Musical.

[...] Um trabalho pedagógico musical deve se realizar em contextos educativos que entendam a música como processo contínuo de construção, que envolve perceber, sentir, experimentar, imitar, criar e refletir. Nesse sentido, importa, prioritariamente, a criança, o sujeito da experiência, e não a música, [...]. A educação musical não deve visar à formação de possíveis músicos do amanhã, mas sim à formação integral das crianças de hoje. (BRITO, 2003, p. 46).

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2013), trata sobre esta transcendência de conhecimentos, sob o conceito de transversalidade, ao afirmar que

a aprendizagem de um componente curricular ou de um problema a ser investigado, bem como as vivências dos alunos no ambiente escolar, contribuem para formar e conformar as subjetividades dos alunos, porque criam disposições para entender a realidade a partir de certas referências, desenvolvem gostos e preferências, levam os alunos a se identificarem com determinadas perspectivas e com as pessoas que as adotam, ou a se afastarem de outras. Desse modo, a escola pode contribuir para que eles construam identidades plurais, menos fechadas em círculos restritos de referência e para a formação de sujeitos mais compreensivos e solidários. (BRASIL, 2013).

Assim, a Educação Musical nas escolas estimula o pensar e vivenciar, contribuindo para o crescimento como indivíduo, pois, trabalhando as habilidades de fala e controle vocal, o aluno poderá desenvolver as competências para dar conta de outras áreas ligadas a linguagem, devido a esta transversalidade de conhecimentos.

Segundo Souza (2000, p.164), “a aula de música só pode obter êxito se transformada numa ação significativa, o que pressupõe uma permanente abertura para o novo e o confronto com a realidade”. Desse modo, o processo de ensino e aprendizagem se tornam mais significativos e fica mais fácil “promover experiências com possibilidades de expressão musical e introduzir conteúdos e as diversas funções da música na sociedade sob condições atuais e históricas.” (SOUZA, 2000, p. 176).

Abaixo, descreve-se as formas de expressão vocal e suas contribuições para o desenvolvimento infantil.

1.1 O ENSINO DE MÚSICA NAS ESCOLAS ENFATIZANDO O CANTO COMO UMA DAS BASES DA MUSICALIZAÇÃO INFANTIL: FORMAÇÃO INTEGRAL E O ENSINO DA MÚSICA

Ao longo da História, o ser humano teve como uma das suas manifestações a música, sendo encontrado resquícios disto em pesquisas voltadas à Arqueologia e Antropologia. Aos povos primitivos não era necessário insistir que se expressassem vocal e musicalmente: fazia parte do seu cotidiano e todos os participantes eram envolvidos nesse fazer, em contato desde pequenos nessa vivência coletiva, não sabendo a diferença entre fala e canto, sonoridade e significado. Naqueles era encontrada mais modulação vocal do que nos dias atuais, sendo que a inibição impede o processo de encontrar a personalidade de cada impressão vocal individual.

Isso fala muito sobre a formação das subjetividades do ser humano, com capacidade de expressar-se adequadamente com seus pares. Afirma Schafer (1991, p.195) que “assim como o arquiteto utiliza-se do corpo humano para conceber as escalas de suas estruturas de vida cotidiana, a voz humana, em conexão com o ouvido, deve fornecer os referenciais para as discussões sobre o ambiente acústico saudável à vida.” Se a voz é um importante aspecto formador de individualidades, até de proteção e sobrevivência, então ela deveria estar presente como uma habilidade a ser desenvolvida desde a mais tenra idade, através de técnicas e metodologias adequadas de ensino.

A voz é um dos meios de expressão desde o nascimento, instrumento de contato e sociabilidade. O bebê comunica-se com o mundo aos berros, expressando

suas necessidades, desconfortos, carências. Aprende a ficar atento aos sons vocais familiares, daquele que seja responsável por seus cuidados. Estabelece contatos e interlocuções ao imitar o adulto, inventar emissões vocais e responder a elas. Todas essas expressões são importantes para seu desenvolvimento, passando pelo afetivo, cognitivo, pessoal, até mesmo musical. A habilidade da fala vai se concretizando como um processo natural, sendo intensificado para a produção de comunicação eficiente, para emissão de vogais, consoantes e todos os sons.

Uma Educação Musical, neste contexto, torna-se de grande valia e importância, ao utilizar-se desta disposição em aprender. O canto utiliza-se de técnicas que aprimoram e treinam um instrumento vocal, prevenindo deformações e desgastes devido à função e formação inadequada. Por isso pedagogos musicais, como Mársico (1979, p.29), “defende(m) o cultivo da voz nas escolas desde a infância, a fim de que a criança aprenda a servir-se da voz falada e cantada, ao mesmo tempo que aprende a ler e escrever.”

Porém, este trabalho de educação vocal com crianças precisa ocorrer em um ambiente lúdico, motivador, sem a utilização de técnicas e desempenhos que promovam tensões e forcem um timbre diferente das características infantis. O educador deve conhecer o desenvolvimento vocal e atuar como modelo, formando bons hábitos, respeitando o processo natural e orgânico da formação fonatória.

Existem importantes propostas de educadores musicais que fornecem subsídios para propostas educacionais adequadas à área de Educação Musical, podendo citar Dalcroze, Willems, Kodaly, Orff, e no Brasil, Villa-Lobos, Koellreutter, Hentchke, Souza e Oliveira, entre outros. Todos estes tratam a educação musical através da vivência e experimentação, desde a infância, partindo do cotidiano e da cultura onde a criança se insere, utilizando língua materna como primordial no processo de construção da fonação. Canções conhecidas, do folclore, curtas e simples tornam mais fácil a coordenação dos elementos corporais necessários à formação vocal, como respiração, colocação, emissão, como defende Hemsy de Gainza (1964, p.125),

Lembramos que aqui, como em outros aspectos do ensino, tem que ter em primeiro lugar que aluno possa ter uma experiência prática, o canto, neste caso – muito antes que inicie com êxito a compreensão do processo que esta atividade supõe: forma em que se efetua a emissão do som, órgãos que intervêm, funcionamento do mesmo, etc. (*Tradução livre*).

A seguir, relaciona-se importantes contribuições de alguns desses educadores, ao defenderem o ensino de Música e o desenvolvimento vocal para o canto dentro de um sistema de ensino.

Na Hungria, Kodály, já em 1966, propunha uma reforma no sistema de ensino húngaro voltado ao ensino musical, proporcionando alfabetização musical para todos, em todos os níveis de ensino, das classes de educação infantil até o curso superior. Para ele, “as aulas de música devem ser regularmente oferecidas nas escolas, de modo a propiciar o apreciar e o pensar musical, tornando a alfabetização e as habilidades musicais parte da vida do cidadão.” (MATEIRO; ILARI, 2011, p.57). A ênfase era o canto em grupo e o material primordial, canções e jogos musicais, melodias folclóricas e nacionalistas, na língua materna, desenvolvendo a musicalidade individual e a de um povo, mantendo as fontes de tradição oral, assim como repertório erudito. Seu objetivo era levar a música para o cotidiano, quando dizia:

Nossa época de mecanização conduz [o indivíduo] por uma estrada que, no final, somente o espírito do canto pode nos salvar deste destino. [...] É nossa firme convicção que a espécie humana viverá mais feliz quando aprender a viver mais sua música. Qualquer um que trabalhe com este objetivo não terá vivido em vão. (FONTERRADA, 2008, p.156).

Na Pedagogia de Kodály, a musicalização acontece através do canto, com exercícios melódicos e rítmicos com dificuldade progressiva. Cantando, o aluno alfabetiza e expressa-se musicalmente, desde a educação infantil. Podem ser adaptados a qualquer idioma, pois seu princípio fundamental é que a instrução musical acontece com as canções folclóricas e populares na cultura em que a criança está inserida, no qual cresce e se comunica, antes mesmo de frequentar a escola. Preocupava-se com a formação profissional e o nível de desempenho musical dos educadores musicais, mais importante do que os recursos utilizados. Este deveria tornar-se um modelo de participação ativa no fazer musical dos alunos desenvolvendo a expressão.

A metodologia de Edgar Willems defende a educação musical e auditiva em três eixos: fisiológico, afetivo e mental. O primeiro refere-se ao *Ouvir*, ligado à função do órgão auditivo, a memória sensorial produzida pela vibração sonora, cujo impacto chamou de Engramas. No segundo campo, o afetivo, aparecem as reações afetivas de imaginação e memória, percebendo melodia e harmonia, através do *Escutar*. O

terceiro aspecto, de ordem intelectual, elabora-se através das vivências anteriores, refletidas, percebidas, compreendidas e tornadas conscientes para se *Entender* o que ouve, indo além disso, numa experiência espiritual. Por isso, enfatiza que é mais importante que as crianças vivenciem a música ativamente, antes de conhecer os conceitos mais abstratos. Pela natureza emotiva infantil, o canto, sendo praticado pelos pequenos, mesmo antes de falar, denominou como uma *atividade sintética* por indicar meios eficazes para desenvolvimento de habilidades musicais e audição interior.

Willems defende o ensino de música para todos, através de uma cultura auditiva que se identifique com a natureza humana, diferenciando a 'educação musical' para a musicalidade da 'instrução técnica' das práticas, principalmente de instrumentos. Para Willems, a educação "não é apenas uma preparação para a vida; ela própria é uma manifestação permanente e harmoniosa da vida." (MATEIRO; ILARI, 2011, p. 91). Seu trabalho estabeleceu relações com a Psicologia e Filosofia, numa época em que se construía o conceito de infância. Segundo ele, "todo ser vivo manifesta uma unidade intrínseca, assim como toda obra musical manifesta unidade, não somente formal e exterior, mas, principalmente, unidade de vida interior, de espírito que anima qualquer produção humana". (MATEIRO; ILARI, 2011, p. 93).

Esses apontamentos levam a entender que a imensa maioria das crianças possui uma espontaneidade e predisposição natural para o canto e a música, mas isso pode decrescer ou desaparecer conforme as oportunidades que são oferecidas. Um trabalho dirigido contribui para seu fortalecimento e desenvolvimento, ampliando extensão e estimulando articulação dos sons. O ensino de melodias envolvem tanto o aspecto vocal como o auditivo, desenvolvendo estas habilidades paralelamente, estimulando as linguagens múltiplas.

O caráter coletivo de um trabalho vocal na escola, proporciona uma diferença de aptidões que favorecem a comparação, retificação e equilíbrio vocal dos participantes, focando o desenvolvimento da musicalidade. O trabalho sistematizado de canto com crianças, de forma moderada e bem dirigida, indicam uma sequência de habilidades trabalhadas e adquiridas, podendo ser citadas: firmeza na emissão de sons, encontrando seu timbre vocal e intensidade; ampliação de tessitura vocal, respeitando a altura adequada; trabalho com a musculatura do aparelho vocal e desenvolvimento das qualidades da voz; percepção da articulação, pronúncia e

dicção necessários para projeção do som e a emissão dos sons sem contrações e esforços, que comprometem a longevidade e desempenho vocal.

Mesmo as crianças mais pequenas, ao serem estimuladas, desenvolvem habilidades e percepções musicais, que, aliadas ao objetivo lúdico, transmitem segurança e naturalidade ao fazer musical que as acompanharão durante sua vida, pois sabe-se que adultos que não sentem-se à vontade para expressar-se musicalmente

[...] não (tiveram) a sorte ou a oportunidade de conviver em um ambiente em que a confiança e as interações fossem incentivadas. Contudo, ela não será uma pessoa desafinada para sempre, tudo vai depender do tipo de interação que vai realizar com a música, das oportunidades que terá para cantar e utilizar a voz como forma de expressão. (MAFFIOLETTI, 2001, p. 129).

Em vista dos métodos destes educadores tratarem da importância do cantar, vê-se a necessidade de uma abordagem de Educação Musical com o canto como um dos focos importantes no desenvolvimento da musicalidade. A seguir, trata-se como acontece a produção vocal e como poderia se melhor desenvolvida na infância.

1.2 A PRODUÇÃO VOCAL PARA O CANTO: GERAL E VOZ INFANTIL

1.2.1 Conceito de voz falada e voz cantada

A função primária dos órgãos superiores é a respiração e a proteção durante o processo de deglutição. A voz é uma produção secundária e foi superposta à função primária dos órgãos envolvidos. Nosso corpo produz vários sons, mas a voz é o mais complexo e sofisticado, envolvendo uma sequência de atos coordenados, além de ser voluntário, podendo ser exercido controle sobre o ato.

O ar é essencial para a produção vocal, a voz somente é produzida com a passagem deste. Precisa duas forças para esta: aerodinâmica e mioelástica (dos músculos envolvidos na função de respiração). A inspiração profunda abastece os pulmões, afastando as pregas vocais para que o ar passe. Quando o ar, expelido pelos pulmões com a força empregada pelo músculo abdominal Diafragma, passa pela laringe na expiração, com a intenção de produção vocal, as pregas vocais se aproximam e realizam vibração, controlando e bloqueando a saída do ar dos

pulmões, modificando quantidade do ar expelido, conforme os ciclos vibratórios necessários à fonação.

Figura 1 – Aproximação das pregas vocais para produção vocal



Fonte: Vilela (2017).

O som produzido na laringe ainda não é a voz, mas fonação, cujo som não se apresenta como nenhuma vogal ou consoante, sem articulações ou interrupções orais, semelhante ao balbúcio do bebê quando ainda não controla a produção das palavras. A quantidade de vibrações por segundo produzida pelas pregas vocais é a frequência, medida em Hertz (Hz). Esta depende de vários fatores, como tamanho e espessura das pregas e capacidade de controle muscular.

Ao atingir as vias aéreas superiores, a vibração produzida atinge as cavidades de ressonância do crânio, que amplificam e modificam o som. As caixas naturais de ressonância são: peito, boca, cabeça, cavidades do crânio, nariz e testa. Servem pra ampliar, reforçar o som das pregas e, estimuladas pelas vibrações destas, dar-lhes o timbre, colorido e características da voz de cada pessoa. Quanto mais grave o som, ocorre a ressonância de peito, que é quando a amplitude do som vibra mais na região perto da glote, onde ficam as pregas vocais. Dentro de um registro vocal, quanto mais aguda ficar a série de sons, mais a ressonância vai se deslocando para cima, passando à cabeça. Vozes masculinas e femininas possuem os dois tipos de ressonância. Por vezes, a voz masculina atinge um registro muito agudo chamado falsete, ressoando com clareza e pouca potência.

Também os articuladores promovem mudanças nesse som vindo das pregas vocais, com articulações de movimentos da boca, língua, lábios, mandíbula e narinas. Essas estruturas movimentam-se de acordo com a mensagem, idiomas, intenção, emoção, entre outros, mas o objetivo principal é a comunicação entre os pares, numa função social e psicológica fundamental.

As estruturas utilizadas para fala são as mesmas para o canto, porém este último tem exigências que necessitam algumas modificações, principalmente maior controle.

Utilizamos as mesmas estruturas para falar e cantar, porém, com diferentes ajustes graças às exigências do canto. De modo simplificado, a respiração passa a ser mais profunda, as pregas vocais produzem ciclos vibratórios mais controlados e com maior energia acústica, as caixas de ressonância estão expandidas e introduzem uma maior amplificação ao som básico. (BEHLAU; REHDER, 2009, p.4).

A voz infantil apresenta características próprias, atribuindo a ela classificações e tratamentos diferenciados. Por estar em formação nos primeiros anos de vida, passa por mudanças orgânicas, com processos esperados em cada faixa etária. A criança pequena tem uma voz bem resistente, mas se torna frágil à medida que cresce e sua laringe se desenvolve. Alguns estudiosos descrevem que só é possível a criança desenvolver a fonação controlada depois que a laringe desce ao seu lugar, por volta dos 2 anos. Nesse momento, a orientação adequada para a exploração e estabilização da produção vocal atinge aprendizados para a vida toda, pois, as primeiras manifestações vocais abrangem pouca extensão, até mesmo o “monotonismo”, que caracteriza-se pela incapacidade da criança em reproduzir vocalmente na altura dos sons, emitindo somente um único, geralmente numa região grave.

A maioria dos pedagogos musicais classifica as vozes infantis diferentemente das vozes adultas, por apresentarem timbre diferente. Estas podem ser claras ou escuras, um pouco mais agudas e um pouco mais graves, porém a tessitura infantil apresenta poucos tons de diferença. Alguns chamam de sopranino e contraltino, uma clara referência à classificação das vozes adultas. Afirmam, porém, que, na prática, a melhor classificação é de acordo com as necessidades do grupo e do trabalho coletivo, abandonando comparações com o adulto, pensando na criança em desenvolvimento comparando com ela mesma e com seus pares, focando no timbre infantil e no colorido, evitando um trabalho que force uma tessitura não adequada.

O que marca o final da voz infantil é a muda vocal, ou seja, a voz amadurece e abandona o timbre infantil, que acontece tanto para meninos como para meninas, embora para os primeiros seja mais perceptível. Esta é uma perturbação fisiológica, um período de transição perto dos 14 anos. Ao término deste processo, as pregas vocais masculinas aumentam cerca de um centímetro no comprimento, descendo uma oitava na extensão, encorpa-se, aumenta de força e adquire o timbre masculino. A voz feminina muda também, mas de forma mais rápida e pouco perceptível, as pregas vocais aumentam de três a quatro milímetros no comprimento e abaixa somente uns três tons, ganhando um timbre de maturidade. Um trabalho vocal adequado faz com que essa transição tenha uma base muscular mais fortalecida. Mesmo assim, muitos educadores vocais recomendam repouso vocal para os meninos nesta fase, depois um trabalho voltado à necessidade de uma nova técnica vocal, como uma orientação segura de novos conceitos de altura, timbre e intensidade, devido à diferente acomodação do aparelho fonador.

Sabendo como ocorre a fonação, torna-se necessário conhecer como melhor orientar o desenvolvimento vocal da criança, com as técnicas mais adequadas para o aparelho vocal ainda em formação, direcionando para o uso da fala e do canto.

1.2.2 A técnica vocal para o canto na formação fonológica de crianças

Para realizar a formação fonológica de crianças é necessário estar atento a alguns aspectos. Com a prática do ouvir e falar, o ensino da língua materna ocorre através da imitação e experimentação, porém concluem-se as aptidões para a realização de todos os fonemas necessários com a maturação do aparelho fonador e acomodação nas cavidades laríngeas. Isso ocorre por volta dos 5 ou 6 anos, correspondendo ao período em que também acontece a maturação para a alfabetização e letramento. Não é por acaso que isto acontece, pois primeiro acontece a apropriação da linguagem para depois iniciarem os processos de registro.

O ensino de canções tem valor educativo na medida em que a criança vivencia, experimenta as suas emissões vocais, envolvendo percepção, memória, trabalhando respiração, controle vocal e articulatório, além de, obviamente, habilidades musicais. Pra isso, urge ao professor ter conhecimentos básicos, sabendo o que é cantar e como canta uma criança.

Outro aspecto é a seleção de repertório, atribuindo valor musical, poético e estético, duvidando das melodias rotuladas como infantis, por possuírem ritmos e melodias pobres, desinteressantes, complicadas e antinaturais, dificultando o aprendizado. Alguns itens de diretrizes metodológicas apontam para ensinar a criança a percepção de esquemas melódicos fáceis que possa perceber facilmente o movimento e direção da melodia, com sons básicos que tenham significado em função do lugar que ocupam na frase musical, os pontos de apoio e de tensão. Os alunos têm que lembrar e cantar, mantendo a exigência de um caráter espontâneo. Por isso, o ensino de música precisa ser uma experiência agradável, com matéria-prima musical atrativa, realizando um variado trabalho auditivo, utilizando-se de jogos, parlendas, versos do universo infantil.

O intervalo mais assimilado pelas crianças é o de terça menor descendente, sendo comum que cantem esse nas suas expressões espontâneas. A metodologia de Kodaly sugere uma progressão no ensino de intervalos utilizados no processo de alfabetização musical, num processo progressivo que visa treinar a percepção dos sons, afirmando que “a intenção principal é provocar a experiência musical onde sejam desenvolvidas a percepção, internalização, memorização e performance das alturas pertinentes a uma estrutura musical completa, ou seja, a aprendizagem de uma canção [...]” (MATEIRO; ILARI, 2011, p.79). Lembra que o processamento da percepção destes sons não é o ouvido, mas o desenvolvimento cerebral, portanto a aprendizagem ocorre de acordo com as relações que este faz com as vivências. As primeiras combinações musicais que ficam registradas no cérebro infantil, depois de desenvolvidas, são: além da terça menor descendente, acorde perfeito maior, notas de passagem e de bordadura, defende o domínio da escala pentatônica para depois passar aos intervalos harmônicos. Também a utilização de técnicas músico-pedagógicas para percepção dessas relações de altura, como o Manossolfa, “um sistema que alia sinais manuais às notas musicais. Esse sistema ajuda a criança a ‘ler’ os sinais e transformá-los em sons”. (FONTERRADA, 2008 p.158).

Outra questão que importa muito no desenvolvimento do trabalho vocal é o conhecimento do professor dos processos psicológicos e pedagógicos, conhecer o ritmo de aprendizagem da criança, de modo geral e específico, como explica Beyer (1995 p. 30), ao afirmar que

os educadores musicais deveriam respaldar mais suas ações em um planejamento fundado sobre o conhecimento dos processos e das etapas do desenvolvimento de seus alunos, de forma a garantir uma continuidade entre suas experiências pessoais com a música e o ensino formal de música.

Cabe a ele educar e orientar as crianças no desenvolvimento das suas habilidades musicais e pôr em evidência quando se encontram escondidas, com exemplos e modelos vocais adequados, apresentando voz agradável e afinada, com registro que possa ser imitado pelas crianças. Trabalhar o aprimoramento e ampliação do registro sem alterar o timbre das vozes infantil, controlando a evolução natural das habilidades. Colocar ênfase na respiração, naturalidade e experiência vocal, conhecendo e acreditando no que o canto e a música em geral pode oferecer à criança.

Na tabela abaixo estão relacionadas as fases do desenvolvimento vocal infantil para o canto, conforme descritos em Beyer (1995), Brito (2003, p.38-40) e Mársico (1979, p.12-14). Porém, ressaltada aqui a vivência da criança que, assim como no processo de aquisição da linguagem, precisa ter o contato com situações de interações sociais e educacionais. Cada criança tem um processo único na sua formação, porém com a orientação adequada e sistematizada, é capaz de desenvolver suas habilidades vocais.

Quadro 1 – Etapas de desenvolvimento vocal infantil para o canto

(continua)

Desenvolvimento Vocal para o Canto	
Faixa etária	Desenvolvimento
0 a 6	Exploração de sons vocais sem altura definida, balbucios, gargalhadas, gritos, choro, vibração de lábios, presta atenção aos seus sons e dos familiares, reconhecendo e reagindo a eles.
6 a 12 meses	Entonação com vogais e sílabas repetidas, balbucios, imitação de fraseado melódico, murmurando ou vocalizando, procurando reproduzir entoação. Movimenta seu corpo seguindo o ritmo de uma canção.
1 ano	Imita o que ouve, muda o timbre vocal para ficar parecido com o modelo. Repete muitas vezes a música para ouvir, canta uma palavra da canção, ou a sílaba final da frase, sem altura definida.
2 anos	Sons vocais de subidas e descidas (glissandos) relacionando ao movimento físico-motor e dos objetos, sons onomatopeicos sem altura definida, imitando animais ou vozes. Tessitura vocal de um intervalo de quarta em torno de uma altura.
3 anos	Sequência de sons mais constantes, uma escala particular, utilizada para suas produções vocais, com 5 ou 6 sons, utilizando estes seus sons em conjunto com as palavras que verbaliza.

Quadro 1 – Etapas de desenvolvimento vocal infantil para o canto

(conclusão)

Desenvolvimento Vocal para o Canto	
Faixa etária	Desenvolvimento
4 a 5 anos	Aumento de precisão rítmica e melódica, com aproximação do uníssono e diminuição intervalar na execução vocal. Memoriza e reproduz pequenas canções com extensão de sexta, ampliando o repertório. O movimento corporal auxilia a expressão vocal, através do jogo dramático.
6 anos	Maior precisão na execução de uma escala de uma oitava, compreendendo o movimento ascendente e descendente da voz. Responde conscientemente aos estímulos sonoros, percebendo, lembrando e reproduzindo mudanças de altura e ritmo nas canções. Sistematização dos conceitos musicais aprendidos nas práticas das fases anteriores.
7 aos 11 anos	Imitação com realismo acústico, organização dos conceitos musicais, desenvolvimento do timbre infantil para o canto, repertório bastante variado de canções. Momento propício para a alfabetização musical.
Por volta dos 11 anos	Acontece a muda vocal, em ambos os sexos, que demandam novas acomodações e técnicas vocais para adaptar-se ao novo timbre, altura e intensidades e encontrar a forma correta de utilizar a sua voz.

Fonte: Elaborado pela autora.

Vistas as fases do desenvolvimento vocal infantil para o canto, cabe agora conhecer como acontecem os processos de formação da linguagem da criança e como estes podem relacionar-se com a Educação Musical e o ensino do canto.

1.3 PROCESSOS DE FORMAÇÃO DA LINGUAGEM

O processo de aquisição da linguagem foi amplamente estudado por vários teóricos, para entender como acontece a sua formação. Cada etapa da aquisição da linguagem é interdependente. O bebê percebe que sua voz promove reação em função da expressão e estabelece a capacidade de sentir o som que produz. Acha graça e brinca, realizando o balbucio e a imitação. Na medida em que reflete e aprende o sentido das emoções, reage aos estímulos mudando tonalidades ou coloridos.

Em algum momento da evolução, a criança desperta para a compreensão de algumas realidades, passando a realizar apelos de acordo com as solicitações da sua mente. Socializa a comunicação numa linguagem feita de choros, vocalizações e algumas articulações. Com isso, passa a aprender o mundo e a linguagem interior,

permitindo a organização do pensamento. Estabelece-se a linguagem, que parte dele são os sons emitidos. O desenvolvimento da linguagem divide-se em expressão e repetição e é constituída de fonemas (sons), morfemas (palavras), sintaxe (regras de combinação das palavras), semântica (significado das palavras) e prosódia (ritmo e entonação da fala).

As etapas da aquisição da linguagem seguem em uma sequência interdependente a ser aprendida através da prática da fala, por acerto e erro. Dependem de condições fisiológicas (maturação do sistema fono articulatorio, tônus muscular, coordenação das partes envolvidas na fonação e articulação) e neurais (atenção, memória, motricidade), mas também de estímulo ambiental, conforme as vivências sonoras e interações sociais da criança. As etapas normais do desenvolvimento da linguagem estão descritas na tabela abaixo, conforme a teoria Piagetiana:

Quadro 2 – Etapas da formação da linguagem na criança

Formação da Linguagem	
Faixa etária	Desenvolvimento
0 a 3 meses	Choro, gritos, gargalhadas, experimentação de sons, diferenciação auditiva de sons familiares.
4 a 6 meses	Balucio: produção sonora de vogais e algumas consoantes, imitação de expressões faciais e sons, compreensão de palavras mais usuais.
7 a 9 meses	Interação de comunicação com produção gestual e balbucios de sílabas repetidas.
10 a 12 meses	Intenção de comunicação com gestos (acenos, palmas, apontar), expressões faciais, contato visual e vocalizações das primeiras palavras através de balbucio com fala.
12 a 18 meses	Palavras-frase, aquisição de vocabulário entre 10 a 50, espera resposta verbal do interlocutor.
2 anos	Nomeação de objetos, aquisição de vocabulário entre 150 a 200 palavras, frases de 2 ou 3 palavras.
3 anos	Consegue formular perguntas e frases com alguma gramática, nomeando objetos e fazendo conjugações simples.
4 anos	Domina a formulação de frases e articulação da maioria das palavras, compreendendo ordens e inventando histórias.
5 anos	Compreende e fala corretamente, conforme a vivência linguística, começa o processo de aprendizado de leitura e escrita.

Fonte: Elaborado pela autora.

Para compreender melhor o processo de aquisição da linguagem, estarão descritos a seguir as teorias de Piaget e Vygotsky.

1.3.1 J. Piaget: a função semiótica e os sistemas de representação

Segundo Piaget, a criança tem um desenvolvimento mental diferente do adulto, estabelece níveis para este, estuda o crescimento mental e o desenvolvimento de condutas. Considera não apenas fatores de maturação biológicos, mas as influências do meio desde o nascimento.

Para a aquisição da linguagem, por volta dos 2 anos de idade a criança desenvolve uma função fundamental de evolução, que se caracteriza pelo poder de representação simbólica, chamada função semiótica, que implica na evocação de um objeto ou acontecimento ausente por meio de um significante, sendo o fundamento da linguagem.

Enumera-se cinco condutas em ordem de complexidade crescente:

- a) Imitação diferida: imitação com presença de modelo e, depois de um tempo, o repete sem o modelo, sendo o início da representação, e o gesto imitativo, o significante;
- b) jogo simbólico: quando o gesto imitativo é representado com significantes diferenciados, isto é, novos objetos que se tornam simbólicos;
- c) desenho ou imagem gráfica: intermedeia o jogo e a imagem mental;
- d) imagem mental: a imitação interiorizada, sem nenhuma presença do objeto;
- e) evocação verbal: representação verbal de objetos ou acontecimentos no significante gerado pelos sinais e símbolos da linguagem;

A linguagem aparece junto com outras formas de pensamento semiótico. Tem a sua evolução em fases, que podem enumerar-se:

- a) Lalação espontânea: sons de exploração das potencialidades vocais, sem intenção de expressão verbal. Aparece em crianças de todas as culturas em idade de 6 a 11 meses;
- b) Diferenciação de fonemas: por imitação da linguagem do interlocutor, por volta dos 11 a 12 meses;
- c) “Palavras-frase”: expressa com apenas uma palavra seus desejos, começando a verbalizar o pensamento;
- d) Frases: dos 2 aos 4 anos, percebe-se uma evolução de frases de duas palavras para pequenas frases com pouca estrutura gramatical até um

domínio progressivo de conjugações e gramáticas, conforme o modelo de linguagem recebido.

A partir do momento em que a criança passa a dominar as condutas verbais, consegue expressar com mais rapidez o seu pensamento, usando narrativas, evocando as memórias e aprendizagens mais recentes. A representação, criada pela função semiótica, destaca as representações das condutas. Por estar construída socialmente e possuir um conjunto de instrumentos de expressão do pensamento, a linguagem constitui um processo importante na formação do indivíduo.

1.3.2 L. S. Vygotsky: significado nas relações entre pensamento e linguagem

Na teoria de Vygotsky, que estuda as transformações humanas nos seus contextos culturais e históricos, a linguagem é um instrumento de mediação na interação homem-ambiente, nas interações sociais. “A fala sem significado, já afirmava Vygotsky (2001), é uma sequência de sons que nada tem a ver com a comunicação humana”. Defende que o uso da linguagem é necessária para que a criança consiga desenvolver as estruturas psicológicas superiores (consciência). O sistema de signos, que corresponde à linguagem escrita, sistema numérico, etc., foram criados e são utilizados para construção social e cultural da humanidade. Por meio da linguagem, a criança interioriza a história e a cultura organizadas, pela sua natureza social e psicológica, com processo interpessoal e intrapessoal. Para ele, toda função, uma delas a linguagem, aparece duas vezes: no nível social e no individual. A fala da criança transmite suas preocupações e conflitos interiores, ao orientar seu pensamento para coordenar comportamentos e padrões sociais esperados. Isso vai ser transformando em fala interior, pensando em palavras em vez de dizê-las, sendo o processo de construção da subjetividade da criança, entendendo sua interação com a realidade e as relações cognitivas de construção da consciência.

Na ausência de um sistema de signos, linguísticos ou não, somente o tipo de comunicação mais primitivo e limitado torna-se possível. A comunicação por meio de movimentos expressivos, observada entre os animais, é mais uma efusão afetiva do que comunicação. Um ganso amedrontado, pressentindo subitamente algum perigo, ao alertar o bando inteiro com seus gritos não está informando aos outros aquilo que viu, mas antes contagiando-os com seu medo. (VYGOTSKY, 2001, p. 7).

Vygotsky (2001) afirma que, para poder transmitir um pensamento de maneira racional e intencional a outros, precisa haver uma mediação e um significado de comunicação maior do que os signos e símbolos. A consciência e experiência como indivíduo precisa passar por uma generalização e uma simplificação para que possa ser transmitido em símbolos. Para ele, o significado das palavras é um processo dinâmico, evolui, e a relação entre pensamento e palavra estabelece uma interdependência que se modifica conforme estas forem utilizadas nas fases da vida.

A função social da fala mostra-se desde os primeiros meses de vida, numa forma de comunicação com pensamento pré-linguístico e uma linguagem pré-intelectual. O bebê expressa as suas sensações com sons variados, chamando a atenção do adulto, que interpreta de acordo com suas vivências. Por volta dos dois anos, acontece uma nova organização de pensamento, quando a criança passa a verbalizar e nomear os objetos, iniciando o processo de aquisição da linguagem, utilizando a fala para comunicar seus pensamentos, com uma conexão que se modifica de acordo com seu desenvolvimento.

Vygotsky (2001) destaca que não é possível separar pensamento da linguagem, um depende do outro, porém, a fala não é mero reflexo do pensamento. Divide a linguagem verbal em dois aspectos: interno (semântico) e externo (fonético). No movimento do interior para o exterior, a criança passa a experimentar sons para articular palavras, formando frases, aumentando a complexidade. No processo inverso, no início da aquisição da linguagem, uma palavra serve a uma frase inteira, fazendo parte de um todo indiferenciado. Só mais tarde consegue dominar as unidades semânticas e organizar frases que auxiliem na expressão do pensamento. Essa diferença se constitui um processo que a criança vai se utilizando sem ter consciência disso; para ela, palavra e objeto estão relacionados. Inicialmente, cada palavra corresponde a um objeto, uma imagem mental, não ao seu significado. Isso a criança só domina mais tarde, sendo que para um adulto, uma palavra pode não significar a mesma coisa para a criança. Gradativamente, vai fazendo a significação independente da nomeação e o significado independente da referência.

Num diálogo, a compreensão das palavras na transmissão do pensamento se dá por meio de mais instrumentos do que a fala, mas por gestos, expressões faciais, tom de voz, falas abreviadas e frases predicativas. Define o sentido da palavra como “a soma de todos os eventos psicológicos que a palavra desperta em nossa

consciência – sentido é um todo complexo, fluido e dinâmico [...]” (SOUZA, 1994, p. 135). Ainda, “o significado dicionarizado de uma palavra nada mais é do que uma pedra no edifício do sentido, não passa de uma potencialidade que se realiza de formas diversas na fala”. (SOUZA, 1994, p. 135). Assim, cada frase dita corresponde a um pensamento a ser expressado, e que a boa comunicação e compreensão da palavra é essencial para a qualidade das relações sociais do indivíduo.

Destacado o processo de aquisição da linguagem conforme as teorias de Piaget e Vygotsky, conforme os padrões esperados nas faixas etárias, cabe conhecer o que acontece quando uma criança não desenvolve a linguagem nas etapas descritas anteriormente.

1.3.3 Problemas mais comuns no desenvolvimento da emissão vocal em crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Para uma fala normal, em que a criança expressa-se de forma adequada, é preciso domínio e coordenação entre as partes necessárias e funções, como atenção e memória. No entanto, algumas crianças não desenvolvem a linguagem nas etapas esperadas. Os transtornos de linguagem são bastante comuns na infância, sendo identificados principalmente nas crianças pré-escolares ou quando ingressam no Ensino Fundamental. Na maioria dos casos, os familiares ou profissionais da saúde e educação que percebem que a criança apresenta dificuldades em comunicar-se adequadamente. Para isso, precisam entender o processo de evolução da aquisição da linguagem e as manifestações dos distúrbios da comunicação humana.

O padrão esperado é que até os dois anos a criança tenha começado um processo de formação fonatória, conseguindo vocalizar algumas palavras. Esse processo de aquisição da linguagem continua, através de estímulos, até o domínio de todos os fonemas do idioma, que acontece por volta dos 5 ou 6 anos, exatamente quando também se inicia o processo de alfabetização.

A maioria dos problemas vocais infantis decorrem de quatro formas: da emissão (disfonias), da articulação (disartrias e dislalias), do ritmo e do comportamento (retardos no desenvolvimento). O primeiro destes verifica-se no fato que, com frequência, as crianças usem a voz de maneira inadequada, por meio de gritos, que gera um esforço vocal prejudicial. Uma disfonia, que são distúrbios vocais

causados por sobrecargas e desequilíbrios, pode acarretar em formação de nódulos, pólipos e cordites, percebidos por rouquidão constante, voz soprosa, esforço para emissão vocal e sensação de dor ou irritação da garganta. A laringe se eleva e causa maior pressão nas pregas vocais, a voz começa a tornar-se áspera, rouca, e a saúde vocal da criança fica comprometida, apresentando rouquidão, instabilidade na qualidade da emissão e fadiga vocal. Por vezes, os adultos estimulam esse padrão vocal, através do convívio familiar ou práticas que incentivem o grito como cumprimentos e competição. A respiração inadequada e dificuldade de deglutição também podem acarretar em disfonias. Ao observar que ocorrem com mais frequência ou são intermitentes, denotam problemas já crônicos no aparelho fonador, como formação de nódulos nas pregas vocais ou outras alterações nestas.

Outras condutas vocais prejudiciais são: falar em ambientes ruidosos, que causam competição sonora com a voz, tendo que ser elevada para se ter retorno auditivo; imitar ruídos ou vozes, com padrão vocal mais forte e tenso ou fala mais grave ou aguda que o tom habitual agradável; falar excessivamente, principalmente em quadros gripais ou alérgicos, quando as vias respiratórias estão alteradas ou obstruídas, ou então em ambientes com o ar poluído, que causam ressecamento e irritação das mucosas; tosses ou pigarros constantes; falta de hidratação do organismo ou ingestão de alimentos que causem azia ou refluxo. A sobrecarga vocal do uso excessivo da voz causa fadiga dos músculos responsáveis pela fonação. Isso ocorre ao se falar em excesso, rir alto, chorar ou discutir com frequência, além de cantar sem um preparo vocal adequado, orientado por profissional que conduza o trabalho vocal com exercícios de aquecimento e desaquecimento vocal e desenvolvimento das emissões vocais e da percepção auditiva.

Para as dificuldades articulatórias, pode-se destacar a impossibilidade de pronunciar alguns sons de forma audível ou dentro dos padrões de compreensão, através dos músculos da face e da língua. Isso pode ocorrer devido a uma infantilização da fala por parte dos adultos que se comunicam com a criança, o tatibitate, que não fornece modelo adequado para a escuta das palavras. Assim, a criança não experimenta os sons corretos por desconhecê-los, demorando a realizar uma pronúncia correta. Outra causa poderia ser a imaturidade do aparelho fonatório do infante. Como cada indivíduo possui o tempo pessoal de desenvolvimento físico, isso pode desaparecer com o tempo e a experiência vocal deste, porém, se persistir, deve-se investigar uma causa orgânica que dificulte o uso dos articuladores. Alguns

casos de comprometimento cerebral resultam numa fala com interrupções e falta de coordenação nos movimentos articulatórios.

Os distúrbios de ritmo na fala são dificuldades e interrupções na fala, interferindo na comunicação, como a gagueira. Podem ser acompanhadas de irregularidade respiratória, movimentos involuntários da face e ansiedade. Algumas vezes são transitórias, pois a criança ainda não consegue articular todas as palavras para acompanhar o pensamento.

Outra forma de distúrbio da fala é do tipo comportamental: referem-se a modo de falar, que pode ter suas raízes nas vivências, nas atitudes, resultando em desvios. Tensão na produção vocal, timbre espremido, tessitura mais grave ou mais aguda do que o indicado, como nos casos de simbiose com a mãe ou de afirmação de identidade. Um menino que quer identificar-se com um público mais masculino pode forçar um registro mais grave não natural. Casos de ordem psicológicas, que desfoam a atenção da criança para um trabalho vocal sistemático também influenciam na produção vocal. Crianças tímidas emitem menos sons, experimentam menos. Aquelas que tiveram graves problemas respiratórios ou cardíacos na primeira infância podem restringir sua atividade vocal para não esforçar-se. Rotta et al. (2006), falando sobre a gagueira, confirma o mal-estar das crianças que tem dificuldades na produção de uma fala que se faça entender, ao afirmar que esta “interfere na comunicação, dificultando a relação interpessoal [...]. O gago às vezes usa respostas monossilábicas e outras vezes é prolixo, na tentativa de não usar palavras mais difíceis, pois teme gaguejar.” (ROTTA et al., 2006, p.141).

O retardo na aquisição da linguagem pode ser um dos aspectos de um atraso geral de desenvolvimento da criança, refletindo na fala. Além disso, ser manifestações de distúrbios de ordem neurológica, com sintomas como nasalidade, imprecisão articulatória, distúrbios de melodia e incapacidade de expressão do pensamento através de uma fala com encadeamento lógico. Caracteriza-se por vocabulário pobre, dificuldade na utilização de palavras ou frases e emprego de fonemas. Em alguns transtornos de desenvolvimento globais acontece a disfasia, que é a inability de adquirir linguagem oral, apesar de não apresentar nenhuma outra alteração. Quando isto se apresenta, a criança mostra comprometimento na articulação de fonemas ou palavras, produção de fala, dificuldade de compreensão auditiva, da linguagem ou da semântica. A afasia é a impossibilidade de uso da

linguagem, por lesões cerebrais, depois que já se tenha adquirido habilidades de comunicação.

Por ser a linguagem um modo de contato com o mundo exterior, crianças que apresentem dificuldades vocais talvez aprofundem mais seus problemas ao limitar o uso de seu aparelho vocal. O inverso deveria ser feito, pois uma condução adequada e um trabalho específico de fonação passa pela livre expressão da sua voz. Durante os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, aparecem mais as dificuldades vocais e de fala, principalmente quando se inicia o processo de alfabetização, por estarem ligados. Os profissionais da Educação precisam munir-se de sensibilidade, tato e conhecimentos para conseguir fazer a intervenção adequada a cada caso, identificando as dificuldades e utilizando os métodos eficazes para auxiliar o aprendiz a expressar-se, conseguindo desenvolver essa habilidade necessária para formação humana.

O método de abordagem da Educação Musical com foco no desenvolvimento vocal infantil através do canto, como expressão artística coletiva, durante os anos de formação da linguagem, pode auxiliar no aprimoramento da comunicação das crianças.

1.3.3.1 O desenvolvimento vocal e a expressão artística como auxiliar nas dificuldades vocais

No seu livro *Fonoaudiologia e Linguagem*, Danese explana sobre a abordagem da arteterapia no tratamento fonoaudiológico dos pacientes. Para isso, afirma que “[...] técnicas de mediação artística não só auxiliam os pacientes a contornar dificuldades em geral, como também ajudam especificamente o sujeito na comunicação e na representação simbólica.” (DANESI; PINTO, 2007, p.51). Ao utilizar outra linguagem, a artística, o sujeito expressa-se, comunicando seus anseios e conflitos. O resultado final do trabalho artístico não é o mais importante, mas sim o efeito terapêutico que se deseja alcançar a partir dos atos comunicativos em torno do fazer da criança. Revela o valor da arte como diagnóstico, mas também como avaliação das condutas, empreendendo o planejamento das ações posteriores para o desenvolvimento de cada indivíduo. Defende que

o trabalho articulatório só tem sentido se as correções das alterações nas funções e nas praxias orais tiverem o objetivo de melhorar a inteligibilidade do processo comunicativo. [...] Dentro desse quadro, é possível avaliar a relevância e a abrangência do trabalho com linguagem e a impossibilidade de fragmentá-lo. (DANESI; PINTO, 2007, p.17).

Para a obtenção de resultados efetivos, porém, é imprescindível ter o conhecimento não apenas dos processos de pesquisa, mas das técnicas e instrumentos a serem utilizados no desenvolvimento de habilidades, para poder elaborar estratégias e ações que funcionem efetivamente com os indivíduos. Relata que “em nosso atendimento, encorajar a expressão criadora em pacientes com dificuldades de comunicação e interação social possibilita abrir uma porta para as atividades representativas, auxiliando-os a acessar a comunicação verbal ou não-verbal.” (DANESI; PINTO, 2007, p.52).

As aulas de Música na escola muito contribuem para a oralidade das crianças, por estimular as emissões vocais dentro do timbre e das especificidades da voz infantil. A expressão verbal e o desenvolvimento fonatório podem ser auxiliado por uma Educação Vocal pra o canto sistematizada e bem conduzida durante os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Ao ser treinada para escutar a música que produz, explora os sons de sua voz espontaneamente e sensivelmente, sabendo como empregar sua energia física e afetiva. O afeto é o melhor impulso motivador para o desenvolvimento das aptidões mentais. A atividade musical mostra e projeta para o observador atento as habilidades, mas também dificuldades e bloqueios. Afirma Gainza, que “a música é o som, enquanto energia, estimulam o movimento interno e externo do homem; impulsionam-no à ação e promovem nele uma multiplicidade de condutas de diferente qualidade e grau” (HEMSY DE GAINZA, 1988, p.22).

O processo de emissão musical através do canto acontece quando se adquire a capacidade de responder aos estímulos sonoros auditivos, com uma resposta ativa do sujeito. É semelhante ao processo de aquisição de linguagem falada, com maturação fisiológica e psicológica já descritos anteriormente. Essa execução será aprimorada na medida em que vivenciar as experiências musicais a nível físico (sensório-motor), afetivo (comunicação eficiente) e mental (compreensão). Ainda segundo Gainza (1984, p.34),

a participação ativa do sujeito no ato de musicalização não mobiliza apenas os aspectos mentais, mas também uma gama ampla e difusa de sentimentos e tendências pessoais. Por esse motivo a música é, para as pessoas, além de objeto sonoro, concreto, específico e autônomo, também aquilo que simboliza, representa ou evoca.

O poder mobilizador da música, que movimenta, mostra, indica, transforma, tem uma participação ativa através de diversas atividades e processos musicais, contribui diretamente para o desenvolvimento dos aspectos humanos, sendo a base para mudanças positivas de comportamento de fala através da música.

Em geral, as crianças, depois de um trabalho sistematizado de educação musical voltado para o canto, conseguem sanar desequilíbrios de emissão e percepção. No entanto, algumas não desenvolvem adequadamente a sua fonação, com dificuldades de perceber e/ou emitir sons claros e dentro dos padrões esperados. O professor deverá estar preparado para se deparar e ajudar a resolver os problemas de audição ou entonação que impedem alguns alunos de se harmonizar com o processo de fonação esperado para sua faixa etária, como os que permanentemente tem voz rouca ou fazem força excessiva para emissão. Mas estão excluídos desta consideração aqueles que tem má formação ou doenças funcionais do ouvido e da garganta, e/ou de outros órgão. O diagnóstico precoce dos problemas vocais dos alunos, a determinação das causas que contribuem a produzir, ajudará a encontrar as soluções e, se for o caso, encaminhá-las aos especialistas competentes. Uma emissão ruim dos sons poderá traduzir-se em alguns casos de falhas de afinação encontrados em crianças e também adultos que, apesar de ouvir corretamente os sons, desafinam ao cantar e também o caso inverso, de pessoas que cantam perfeitamente sem ter consciência dos diferentes sons que produzem. Em alguns casos, é possível observar o efeito benéfico de uma educação vocal continuada, ao passar de uma classe para outra, transformando vozes roucas e desafinadas em vozes claras que entoam com afinação.

Com base nessas informações, torna-se possível pensar numa prática pedagógica de Educação Musical que foque no desenvolvimento vocal infantil através do canto, promovendo auxílio e estímulo na habilidade da fala para produção de comunicação eficiente nas relações sociais e desenvolvimento de musicalidade.

A Educação Musical nos Anos Iniciais, até mesmo antes, tem como um dos pilares o desenvolvimento vocal das crianças, com um trabalho voltado para o aprimoramento das habilidades necessárias para este: respiração, empostação,

articulação, colocação, afinação. Com este trabalho, pretende-se que a criança tenha condições de utilizar seu aparelho vocal adequadamente para o canto, aproveitando sua predisposição para este, orientando para que seu desenvolvimento seja natural e espontâneo. Com isso, outras habilidades e competências foram atingidas concomitantemente, principalmente as relacionadas com a oralidade e sensório-motor. Isso vai de encontro com a necessidade do ser humano de expressar-se vocalmente, entendendo e sendo entendido, conforme explanado anteriormente.

2 PRÁTICA DA PESQUISA AÇÃO, APLICANDO OS DADOS COLETADOS

Nesta pesquisa, foi analisada a prática da Educação Musical nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e o desenvolvimento vocal infantil através do canto, relacionando a voz falada e cantada nos processos de aquisição de linguagem e produção de fala para uma comunicação eficiente.

A metodologia da pesquisa ação, por envolver “características situacionais, já que procura diagnosticar um problema específico numa situação específica, com vistas a alcançar algum resultado prático” (GIL, 2010, p.42), envolvendo o sujeito na atividade da pesquisa, com dinâmica de relacionamento, foi a mais adequada para levantar dados e compreender a inter-relação entre voz falada e cantada, focando a educação vocal e fonatória através da música e refletindo sobre a contribuição para a formação integral de crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

A proposta da pesquisa ação, nomeada “Laboratório Vocal”, surgiu para verificar, através de prática com alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, quais atividades eram mais eficazes para desenvolvimento e aprimoramento vocal. Foi acolhida por uma escola de Ensino Fundamental da rede pública de um município da Encosta da Serra do Rio Grande do Sul, que manifestou interesse para que este grupo de alunos participasse dos trabalhos. A principal hipótese a ser pesquisada era: a Educação Musical nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental poderia contribuir de forma significativa para a formação integral do indivíduo, ao agir preventivamente, estimular e aprimorar o desenvolvimento das habilidades vocais para o canto e a fala? A seguir, estão relacionadas as etapas e atividades realizadas, levantando dados para posterior análise.

2.1 DESCRIÇÃO DOS ITENS DE PESQUISA AÇÃO: AULAS DE MÚSICA ORIENTADAS PARA O DESENVOLVIMENTO VOCAL COM CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL QUE APRESENTEM DIFICULDADE DE FONAÇÃO

O grupo para pesquisa foi selecionado a partir de encaminhamentos de professores titulares dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de uma escola, através de uma ficha, indicando crianças que observavam com dificuldades de fala e voz. Depois de convidadas e selecionadas pelo critério disponibilidade de horário e

permissão dos pais, participaram de um Laboratório Vocal em turno vespertino, na escola, porém fora da sala de aula. Neste grupo, os alunos participaram de atividades musicais orientando o desenvolvimento das produções vocais para fala e canto.

Para a seleção do grupo, foi necessário realizar alguns procedimentos anteriormente, preparando e conhecendo a realidade do espaço escolhido. Estes estão relacionados a seguir:

- a) Conhecer o processo de encaminhamento para avaliação fonoaudiológica dos escolares dos Anos Iniciais com dificuldades de fala, através de entrevista com a Coordenadora da Escola e Serviço de Fonoaudiologia;
- b) Entregar fichas de encaminhamento para os professores titulares de turma encaminharem crianças com dificuldades de fala para o Laboratório Vocal, explicando os procedimentos;
- c) Analisar as fichas de encaminhamento entregues pelos professores para saber quem e quantos são os alunos com dificuldades de fala nos Anos Iniciais da Escola;
- d) Observar os alunos relacionados na sala de aula, para conhecer quem são e constatar a dificuldade relatada pelo professor;
- e) Encontrar-se com Coordenadora e Fonoaudióloga para falar sobre os casos relatados, quais são os que já recebem atendimento e tem diagnóstico, classificar as dificuldades, saber o que trabalhar com os alunos, para depois elaborar atividades musicais;
- f) Fazer uma reunião com os pais, explicando o trabalho do Laboratório Vocal, dia e horário, entregando termo de autorização e pesquisa;
- g) Ministras 10 aulas no Laboratório Vocal, no período de uma hora semanal, na escola, trabalhando atividades musicais com o objetivo de desenvolver e estimular a educação vocal e fonatória, voltada para o canto e fala. Realizar relatórios de cada encontro, com as observações.

2.1.1 Levantamento de dados sobre saúde vocal dos alunos da escola

Para começar o trabalho da pesquisa, era importante conhecer o ambiente escolar e saber quais eram as dificuldades de voz e fala encontradas nos alunos dos Anos Iniciais desta escola. Também cabia saber quais os critérios utilizados para

avaliação e encaminhamento de alunos para atendimento profissional de saúde, se houvesse essa possibilidade. Como a ênfase da pesquisa era a Educação Musical, as observações e entrevistas também apontavam as formas de trabalho vocal que era realizado com os alunos dos Anos Iniciais.

Para conhecer o processo de encaminhamento dos alunos com dificuldades de voz e fala, foi realizada uma conversa com a Coordenadora Pedagógica da área, que poderia fornecer informações mais precisas sobre este assunto. Posteriormente, com a Fonoaudióloga da rede, que era a responsável pelo acolhimento e atendimento desta demanda. Assim, podia-se ter uma visão ampliada de como era o atendimento para crianças com dificuldades vocais dos Anos Iniciais desta escola.

2.1.1.1 Entrevista com a Coordenadora Pedagógica:

A Coordenadora Pedagógica 1 é formada em Pedagogia e especialista em Psicopedagogia. Trabalha na rede há 20 anos e como Coordenadora na escola há 5 anos. Relatou que nesta escola existem crianças com dificuldades de fala nos Anos Iniciais, que estas são identificadas através da observação e comunicação deles na sala de aula e nas atividades propostas. Os professores observam e relatam em Conselhos de Classe e reuniões a necessidade de encaminhamento para avaliação Fonoaudiológica, orientando também os responsáveis para que procurem atendimento na Secretaria de Saúde da cidade. Os professores têm formação de Magistério, Pedagogia e outros cursos exigidos para trabalhar com as turmas de Anos Iniciais, pressupondo que tem conhecimento ou treinamento para identificar e prevenir as dificuldades de fala.

Na opinião da Coordenadora, os principais motivos que levavam as crianças a apresentarem dificuldades na fala era o modelo de familiares e, muitas vezes, questões de tônus e hábitos de alimentação. Na escola, não oferecem tratamento Fonoaudiológico, mas encaminhamento para atendimento na área da Saúde. Afirmou que as aulas de Música nos Anos Iniciais podem contribuir na educação vocal e fonatória quando bem dirigidas e planejadas.

2.1.1.2 Entrevista com Fonoaudióloga

A Fonoaudióloga 1 ingressou na Rede de Saúde em 2014, através de concurso público, sendo agora a única Fonoaudióloga a receber os casos encaminhados à Secretaria da Saúde, com exceção de alunos com NEE (Necessidades Educativas Especiais), que são atendidos por Fonoaudiólogas com essa especificidade. Relata que ao chegar, tinha demanda reprimida, recebeu uma lista de pessoas atendidas e encaminhadas ao serviço no ano anterior. Foi chamando, entrevistando e atendendo esta demanda, primeiramente.

O processo de encaminhamento/atendimento funcionava assim: professores e coordenadores da escola encaminhavam alunos com alguma dificuldade de fala e/ou escrita, falando com os pais e orientando que procurassem a Secretaria de Saúde ou rede privada para atendimento. Estes apresentavam-se ao Posto de Saúde Central e entravam numa lista de espera. Na primeira sessão, participava somente o responsável pela criança, e este respondia perguntas sobre o desenvolvimento e rotina da criança. Após isto, a criança era avaliada para a necessidade de tratamento ou orientação.

A partir de 2017, o sistema de avaliação e encaminhamento de alunos da rede municipal é encaminhado pelo professor da turma, que observa em sala de aula, solicita à Fonoaudióloga a comparecer na escola para uma triagem. Em alguns casos, a Fono orienta o professor para aplicação de técnicas simples de estimulação e, somente em casos mais complexos, encaminha para o atendimento em consultório. Outras vezes, orienta a família para construção de hábitos mais salutaros. Na escola, ao chamar os responsáveis, estes assinavam ata em que constava que a escola encaminhou o aluno para atendimento e questionava se fizeram a avaliação e foram atrás de acompanhamento na rede pública ou privada.

A Fonoaudióloga 1 relatou que estava indo mais nas EMEIs (Escolas Municipais de Educação Infantil) pois o horário destas era mais compatível com o seu. Atualmente realiza atendimentos de 20 alunos da rede e o restante das suas horas com demanda de adolescentes e adultos, que é grande demais para somente um profissional. Desejaria poder visitar mais as escolas, treinar professores, fazer outros acompanhamentos e prevenções.

Quanto ao tratamento, a Fonoaudióloga 1 relatou que a maioria dos atendimentos possuem curta duração. Algumas vezes encaminhava para outros

profissionais, como Dentista e Otorrinolaringologista. Os principais problemas que recebe são: desvio fonológico (atraso de sons), desvios de linguagem (fala poucas palavras), disfonias (voz), desvios fonéticos (língua mole, mordida aberta, orgânico), dificuldade de aprendizagem e dificuldade respiratória.

A Fonoaudióloga 1 relatou que, quanto às dificuldade vocais, trabalhava as seguintes questões: o tipo de respiração, exercícios de aquecimento e desaquecimento vocal, conscientização sobre o aparelho fonador, utilizando métodos lúdicos para crianças. Quando a dificuldade é na linguagem, trabalhava: o som específico de troca na fala, palavras-alvo com fonema, estímulo auditivo e visual e incentivo à fala encadeada.

Relatou que desconhecia outro trabalho vocal realizado para alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, considerava a Educação Musical, em caráter preventivo, importante para estimulação da respiração adequada, da consciência fonológica, da percepção auditiva da melodia e ritmo da voz e fundamental para consciência do cuidado ao usar a voz para o canto, sem gritar.

2.1.2 Seleção e encaminhamento de alunos para a pesquisa

O procedimento de seleção e encaminhamento de alunos para a pesquisa era realizar, com os professores titulares de cada turma do Anos Iniciais da Escola, a coleta de nomes dos alunos que tivessem alguma dificuldade de fala. Os professores precisavam observar alunos, em sua classe, e apontar os que apresentassem algum desvio no padrão de fala ou de voz e que julgassem que precisassem de uma atividade diferenciada para trabalhar esta dificuldade. Neste momento, não foi especificado qual o tipo de dificuldade. Cada professor poderia apontar qualquer dificuldade percebida. Na ficha abaixo, descreveram os prejuízos que observaram em cada aluno quanto à dificuldade de fala e voz.

Quadro 3 – Ficha de Encaminhamento para professores
FICHA DE ENCAMINHAMENTO

PROFESSOR: _____

TURMA: _____

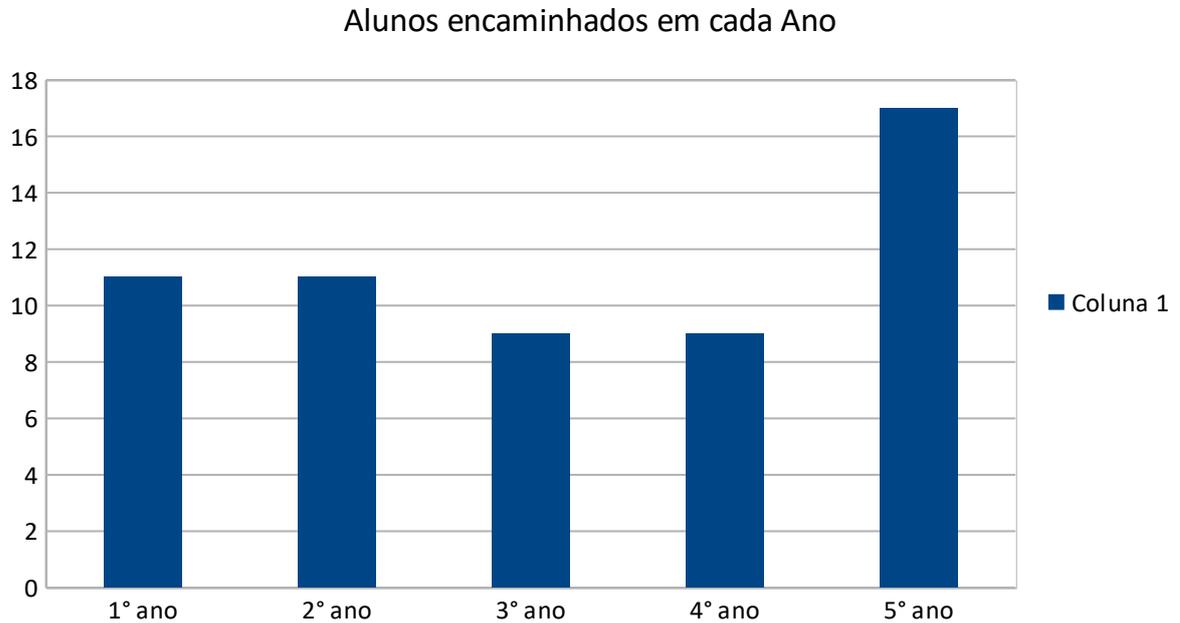
NOME DA CRIANÇA	DESCRIÇÃO DA DIFICULDADE DE FALA

Fonte: Elaborado pela autora.

Apos duas semanas de prazo, a maioria dos professores entregaram as fichas. Alguns relataram também oralmente o nome dos alunos e o que observaram. Não utilizaram termos técnicos e nem nomenclatura sobre as dificuldades de fala.

Foram encaminhadas, pelos professores titulares de turma, 57 (cinquenta e sete) alunos dos Anos Iniciais, tendo uma média de 3,56 por turma, correspondendo a um percentual de 13,26% de alunos desta etapa do Ensino nesta escola. Nos gráficos a seguir, estão quantificados os alunos com dificuldades vocais encaminhados em cada Ano e as dificuldades citadas pelos professores nas fichas de encaminhamento.

Figura 2 – Alunos encaminhados em cada Ano do Ensino Fundamental



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 3 – Dificuldades dos alunos citadas pelos professores



Fonte: Elaborado pela autora.

Cada aluno indicado recebeu um bilhete, informando o dia em que seus responsáveis deveriam vir à escola e obterem mais informações sobre o Laboratório Vocal, para trabalhar a voz, desenvolver a voz e treinar a fala, através da Música. A

entrega dos bilhetes foi feita 5 (cinco) dias antes da data marcada para a reunião com os responsáveis. A maioria reagiu positivamente ao convite, reconhecendo a necessidade de trabalhar a sua voz ou fala.

Foi realizada uma reunião com os responsáveis para explicar e autorizar a participação dos alunos no Laboratório Vocal. Compareceram os responsáveis por 22 (vinte e dois) dos alunos selecionados. Alguns relataram sobre a fala dos alunos em casa, reforçando o que os professores perceberam em sala de aula: as trocas de letras, os problemas de expressão das ideias, o fato de terem vergonha de falar na frente dos colegas por causa das dificuldades na fala. A maioria dos responsáveis elogiou a iniciativa do projeto na escola. Ao todo, 18 (dezoito) responsáveis assinaram a autorização e o Termo de Consentimento de Pesquisa. Os demais apontaram as justificativas de não poder vir por frequentar o NAI (Núcleo de Apoio à Inclusão) e a Fonoaudióloga no horário do Laboratório Vocal.

2.1.3 Planejamento dos encontros

O planejamento dos encontros foi realizado na sequência da entrevista com a Fonoaudióloga, quando descreveu como realizava os procedimentos com os pacientes encaminhados desta faixa etária. Para isso, foi fundamental o embasamento teórico e a linha de pensamento de Mársico, Gainza e Kodaly, estabelecendo um caminho para orientar o desenvolvimento vocal infantil para o canto dentro de um contexto escolar e coletivo. O objetivo da pesquisa estava focado em realizar atividades musicais direcionadas para o canto e a fala ritmada que estimulassem e auxiliassem no desenvolvimento dos alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental que apresentassem dificuldades vocais e fonatórias.

A ordem das atividades foram embasadas com teóricos da Pedagogia, métodos de Educação Musical, apontamentos da fonoaudióloga e literatura destinada à voz infantil, transversalizando as habilidades e competências a serem desenvolvidas durante este período de trabalho musical. A seguir, estarão descritas conforme realizadas nos encontros do Laboratório Vocal.

a) Conhecimento do processo de produção da voz

Este trabalho de consciência corporal seria uma parte importante, pois proporcionaria à criança um entendimento sobre o funcionamento do aparelho vocal,

aprendendo a usar melhor e cuidar da sua voz, pois como diz Fernández (apud JARDINI, 2008, p. 16), “ensinar está mais perto de prevenir do que de curar, e prevenir tem mais a ver com ampliar saúde do que com deter ou atacar a enfermidade”. A metodologia escolhida foi através de maquetes, vídeos e histórias que ilustrassem especificamente a voz e a fala.

As histórias: uma das histórias foi indicada pela Fonoaudióloga, durante a entrevista. O nome era “Bia, Li e Lé” (FONTENELLE, 1997), que contava sobre uma menina e suas pregas vocais, que a acompanhavam desde seu nascimento. Quando entrou em idade escolar, a Bia passou a não cuidar mais tão bem de suas amigas, Li e Lé, com gritos e birras. Estas apresentaram calos de tanto baterem-se e resolveram fazer uma greve. Elas somente voltaram a funcionar corretamente quando a menina fez tratamento com Otorrinolaringologista e Fonoaudiologista, além de manter hábitos vocais mais saudáveis. Como diz na apresentação do próprio livro, “possui uma linguagem simples e leve, adequada ao mundo infantil para as práticas necessárias à reeducação vocal com objetivo de eliminar os efeitos danosos às cordas vocais.” (FONTENELLE, 1997, contracapa).

A outra história, “Rita Não Grita” (MUNIZ, 2010), contava sobre a Rita, uma menina birrenta e gritona que reagia a todas as situações com muito barulho e brigas. Na escola, seus amigos não aguentavam mais seus gritos, e resolveram afastar-se quando começavam as crises de Rita. Ela foi ficando sozinha e triste. Resolver mudar de atitude, procurando acalmar-se e achar graça quando aconteciam situações diferentes. Assim, passou a não gritar mais. Apesar desta história não falar especificamente sobre a produção vocal, trata sobre as reações emocionais da criança, fazendo com que reflita sobre sua atitude. Ao entender que poderia controlar seu grito, e assim, sua voz, para uma produção mais adequada, permitia um crescimento e amadurecimento emocional, refletindo na sua fala e importante para o relacionamento social, visto que precisava saber comunicar-se eficazmente para expressar-se.

O vídeo: um vídeo intitulado “A Fábrica da Voz” descrevia como acontecia a produção da voz e da fala. Didaticamente, mostrava uma maquete digital do aparelho respiratório e as crianças realizavam uma visita orientada, dividindo em três andares, de acordo com a função de cada um. No primeiro andar, mostrava a entrada e saída do ar, com movimentos diafragmáticos e expansão dos pulmões. No segundo, o funcionamento das pregas vocais na fala e no canto, mostrando os

músculos e cartilagens envolvidas durante a produção sonora. O terceiro era o andar das palavras, mostrando as partes envolvidas (nariz, língua, boca, dentes, palato).

As maquetes: uma maquete do aparelho respiratório feita com garrafa PET, balões e canudos, serviu de orientação para a explicação sobre respiração diafragmática, demonstrando o movimento mecânico do músculo Diafragma, que provocava a expansão dos pulmões e entrada do ar e que, ao empurrar o pulmão, ocorria a saída do ar, com o movimento correto para uma respiração mais eficiente, principalmente para o canto, iniciando a percepção e o treinamento para respiração costo diafragmática.

A segunda maquete seria confeccionada pelos próprios alunos, feita com rolinho de papel higiênico e atilho para representar o funcionamento das pregas vocais, ao abrirem-se para passar o ar e fecharem-se para vibrar e produzir a emissão vocal, assim como a epiglote, que fecha a entrada da laringe na deglutição.

Figura 4 – Maquete das pregas vocais

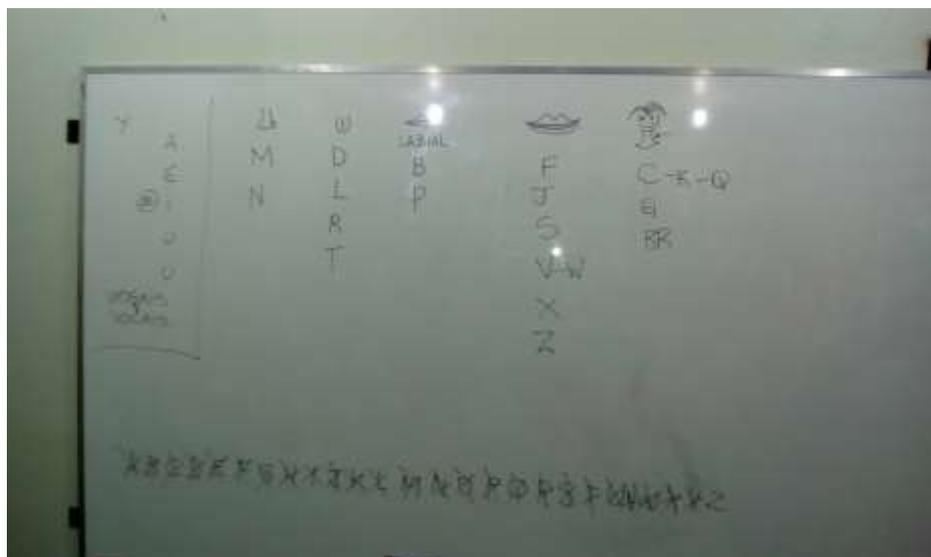


Fonte: Arquivo pessoal.

Para percepção na produção dos fonemas pelos articuladores, precisariam produzir som vocal com a boca aberta, percebendo o som da sua voz sem articulação. Para isso, utilizar-se-ia o Método das Boquinhas (JARDINI, 2008), denominado método multissensorial, combinando os aspectos auditivos (a forma fonológica das letras) e cinestésicos (os movimentos necessários para pronunciar os fonemas). Neste momento, não seriam realizados os aspectos visuais do método para leitura e escrita, pois esta não era a ênfase da proposta. Os primeiros fonemas seriam os das vogais, com fala bem articuladas, exageradas, dando ênfase ao articulema (nome dado à figura da Boquinha que corresponde ao fonema e grafema), por serem sons vocais e “uma vez que a língua portuguesa apresenta uma regularidade de toda sílaba apresentar, pelo menos, uma vogal, [...]. A partir das vogais dominadas, apresentam-se as consoantes que formarão sílabas simples.” (JARDINI, 2008, p.24). Duas músicas foram escolhidas para cantar com vogais, articulando e soando bem as letras: O Sapo não Lava o Pé e Tiraritumba.

Posteriormente, todas as letras do alfabeto precisariam ser apresentadas, faladas e articuladas, de um grau de complexidade menor para o maior, fazendo a pronúncia e identificando os articuladores utilizados. Para a associação fonema/grafema/articulema, usar o quadro para escrever e registrar as descobertas. Depois, utilizar os sons das letras em Música através de parlendas e canções folclóricas.

Figura 5 – Localização da produção de fonemas



Fonte: Arquivo pessoal.

a) Sobre o Método das Boquinhos:

Preocupada com problemas de alfabetização que algumas crianças apresentavam nas escolas, especialmente as com dislexia, Jardini e associados desenvolveram e aplicaram um método multissensorial, denominado Método das Boquinhos, por utilizar-se da prática da tríade Fono-Vísuo-Articulatório como uma ferramenta de consciência fonológica e alfabetização. Alia percepções auditivas (sons-fonemas), visuais (letras-grafemas) e cinestésicos (boquinhos-articulemas) isto é, a visualização da articulação facial da boca em associação com o fonema, posteriormente o grafema. Consiste em uma série de exercícios e atividades específicos para determinado conteúdo, a serem vivenciados pelas crianças, através da análise de erro/acerto na leitura e escrita. O treinamento começa por exercícios preparatórios, que desenvolvem as habilidades necessárias para aquisição da linguagem, abrangendo as áreas:

- a) auditiva: percepção e memória, análise e síntese, e consciência fonológica e fonêmica;
- b) visual: percepção e memória, análise e síntese;
- c) corporal: orientação temporal e espacial, coordenação viso motora e esquema corporal;
- d) cognitiva: gramática e compreensão de textos.

Depois, passa a utilizar as associações som-letra-articulemas numa crescente de dificuldade, começando pelas vogais continuando nas consoantes por nível de domínio na aquisição da fala pela posição articulatória. Por último os arquifonemas (consoantes intercaladas) e os grupos consonantais. Baseia-se nos estudos sobre a aquisição da linguagem e desenvolvimento da fonação nas crianças e na experiência clínica da autora, no seu trabalho como Fonoaudióloga. Com isso pretende que a competência da leitura e escrita se apresente pelo desenvolvimento de habilidades multissensoriais destacando a oralidade, reiterando que o processo de comunicação humana se dá na combinação por diversos fatores.

b) Percepção do tipo respiratório

Atividades para praticar respiração oral, nasal e diafragmática, identificando o funcionamento e a movimentação necessária para cada uma delas. Alguns recursos auxiliam, para que os alunos percebam seu tipo respiratório mais comum, como

balões para encher soprando longamente, alongamentos, respiração do tipo cachorrinho, staccatos (sons curtos forçando o diafragma a expulsar o ar), perceber o ar quente na mão, procedente do nariz ou boca.

c) Aumento de controle respiratório

Complementando a parte anterior, atividades para exercitar e fortalecer o tipo costo diafragmático, mais adequado para a emissão do canto, através de brincadeiras para o controle respiratório, ao assoprar uma bolinha com canudinho em um campinho, um jogador tentando e outro defendendo o gol, ou soprar um fio de lã, controlando o ar para que esse ficasse levantado mais tempo possível, balançando a ponta elevada.

d) Aumento de emissão sonora

Realização de vocalizações com os fonemas treinados na etapa anterior, através de parlendas e versos ritmados, articulando bem para produção sonora, focando a produção vocal para a fala com ritmo, acompanhado do articulema. Por exemplo, para a letra L, a parlenda Lé com Lé; a letra P, com O Pinto Pia; o som K, com a canção O Relógio, que tinha o som tique-taque; para os fonemas R e RR, a parlenda O Trem de Ferro. Assim, através da música (vocalizações e ritmo) os alunos treinariam os fonemas, realizando prática para superar suas dificuldades.

e) Realização de vocalizações e ritmo

Realizar as emissões vocais para o canto, com as canções e parlendas aprendidas na parte anterior. Primeiramente, utilizar o intervalo musical da terça menor que, segundo Hemsy de Gainza (1964, p.142), “é o intervalo mais assimilado pelas crianças, sendo comum que cantem esse nas suas expressões espontâneas”, para que os alunos tivessem mais segurança ao vocalizar corretamente e, através da experiência, poder ampliar o controle sobre os ciclos vibratórios e modulações de altura. Depois, ampliando pra o acréscimo de intervalos de quarta e quinta. Se possível, poderia testar o intervalo de oitava.

f) Percepção de contorno melódico

A partir das vocalizações realizadas na etapa anterior, realizar emissões vocais do canto, focando na percepção das modulações de altura, primeiro sem

altura definida, fazendo sons agudos ou graves com movimentos de mão ou corporais. O objetivo disso é que os alunos percebessem e realizassem as modulações vocais, saindo de uma zona tonal habitual para explorar suas potencialidades vocais, utilizando recursos como plaquinhas com linhas, pontos e tracejados para auxiliar numa leitura visual das alturas sonoras, traduzindo em sinais gráficos de partitura musical não convencional, aliadas às técnicas músico-pedagógicas para a percepção das relações de altura, como o Manossolfa de Kodály, “um sistema que alia sinais manuais às notas musicais. Esse sistema ajuda a criança a ‘ler’ os sinais e transformá-los em sons.” (FONTERRADA, 2008, p.158). O instrumento musical Xilofone permite que consigam visualizar as subidas e descidas do som, preferindo um que possua teclas diatônicas na distância entre dó 3 e sol 4, atendendo à tessitura vocal infantil, com instrução para perceber o deslocamento da ressonância vocal, distinguindo voz chamada “de peito” para sons graves e “de cabeça” para sons agudos.

g) Ampliação de vocalizações

Ao entenderem e ampliarem a percepção do contorno melódico, os alunos precisariam realizar uma brincadeira musical com a parlenda ou canção aprendida, utilizando os conhecimentos vocais, retomando todas as canções e parlendas, além de respirações e alongamentos, por vezes realizando gravações de áudio das emissões vocais, para logo depois escutarem sua própria voz.

h) Relaxamento da laringe

Para finalizar o encontro, realizar uma atividade vocal voltada para a fala, voltando a laringe para a posição habitual, diminuindo os ciclos vibratórios do canto para a fala. Assim, repetiriam os fonemas trabalhados no período em palavras bem articuladas e silabadas, com recursos sonoros auxiliares, para percussão rítmica, como copos, latas e palmas. As palavras poderiam ser seu nome, nome de animais, ou palavras que começassem com a letra trabalhada, de acordo com a proposta. Uma das atividades seria confeccionar um “telefone” com copinho de iogurte e fio, que esticado entre dois copinhos, produziria vibrações da voz que seriam escutadas do outro lado. Outra estratégia seria retomar o que foi trabalhado durante o encontro, perguntando o que foi realizado, para que falassem e lembrassem os objetivos.

i) Avaliação de conhecimentos

Para a avaliação do desenvolvimento vocal dos alunos, realizar atividades dirigidas somente no primeiro e último encontro, realizando um desenho, numa folha tamanho ofício, sobre como percebiam sua voz, ou realizavam sua produção vocal, antes e depois das habilidades e competências trabalhadas nas aulas de Música. Porém, também seria realizada durante todo o processo da pesquisa, através dos comentários de descobertas dos alunos sobre si, baseadas nos conhecimentos adquiridos durante as aulas, demonstrando se relacionariam as informações com suas vivências, tornando conscientes suas ações. Outro recurso seria a observação dos movimentos e fonações realizadas durante as atividades pra avaliação em três áreas: respiração, emissão vocal e articulação.

2.2 TREINAMENTO DE PROFESSORES PARA IDENTIFICAÇÃO DE DIFICULDADES DE FALA EM ALUNOS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Durante o processo de encaminhamento de crianças para o Laboratório Vocal, alguns professores demonstraram algumas dúvidas sobre como escrever o que percebiam, pois conseguiam observar e nomear apenas algumas das dificuldades de seus alunos, não identificando outras, principalmente as relacionadas com a voz. Os problemas com a fala eram mais evidentes. Havia a necessidade de orientar estes profissionais para que pudessem perceber o que seria realmente dificuldade, qualificar os professores no quesito encaminhamento de aluno com dificuldades vocais. Isto seria de suma importância, pois o aluno na escola passava a maior parte do tempo com os professores titulares, profissionais da educação, que deveriam perceber e identificar problemas como as dificuldades de fala e voz, que poderiam influenciar na aprendizagem do aluno ao não poder comunicar-se, refletindo na leitura, escrita e compreensão da linguagem.

Com isso, além de orientar os alunos, trabalhando os problemas vocais com a música, também era necessário ajudar os professores quanto à saúde vocal de crianças, falando dos problemas de fala, a identificação destes e o que fosse necessário para prevenção.

O momento foi proporcionado através de uma oficina para educadores, intitulada “A Educação Musical e o desenvolvimento vocal infantil”. Participaram ao

todo, por escolha, 42 professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Educação Infantil da escola do grupo de pesquisa e também de outras nos arredores.

Dentro do tema proposto, foram apresentados três eixos:

- a) A Educação Musical na escola;
- b) Relato da pesquisa;
- c) Atividades práticas.

Na primeira parte, foi explanada a implementação da Música na Escola, através da história da Educação Brasileira e da Lei 11.769 (BRASIL, 2008), como acontece a Educação Musical dentro da rede, quais são os objetivos musicais e transversais de uma aula de Música, citando as Diretrizes Curriculares Nacionais. Alguns educadores musicais, como Dalcroze, Orff, Kodály, Willehms, Gainza, Villa-Lobos, Hentchke e Souza foram citados para embasar as Pedagogias do ensino de Música.

Na segunda parte, relatou-se sobre a experiência do Laboratório Vocal, passando pelos objetivos e passos para chegar ao grupo selecionado, enumerando as atividades realizadas em cada encontro. Uma das partes consistiu em um exemplo prático demonstrando, com um objeto, a aquisição da linguagem conforme descrito na teoria de Piaget e Vygotsky (função semiótica, imitação, simbolismo, imagem mental e evocação verbal). Aqui também foi incluído o material enviado pelo Serviço de Fonoaudiologia às escolas, que ensinava sobre quais as competências da habilidade de fala que as crianças precisavam ter dominado em cada idade, treinando o olhar e alertando sobre quais os sinais a serem observados para identificar e encaminhar alunos com dificuldades de fala e voz para os serviços especializados de Saúde.

Na terceira parte, os professores participaram de atividades práticas, as mesmas que foram realizadas durante o Laboratório Vocal. As primeiras eram de treinamento respiratório, identificando as respirações oral, nasal e costodiafragmática, mostrando e utilizando as maquetes e objetos para brincadeiras que treinavam a respiração. Depois, alguns alongamentos corporais e faciais, mexendo pés, mãos, ombros e pescoço, com exercícios de fortalecimento e relaxamento dos músculos faciais, articulatórios e da língua. O repertório apresentado era para articulação dos fonemas e modulação dos sons vocais, apresentados em ordem de dificuldade crescente. As primeiras músicas eram de movimentos faciais, de

articulação de vogais e algumas consoantes com parlendas e versos rítmicos. Por último, foram apresentadas canções para o treinamento vocal, com os intervalos de terça menor, quarta e quinta, com o auxílio do Manossolfa de Kodály e o instrumento musical Xilofone. Todas estas atividades visavam demonstrar, através de explicações dos objetivos destas, como auxiliar os alunos para o desenvolvimento das competências da habilidade de fala e canto através da Educação Musical.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, serão relatadas as análises da pesquisa anterior, através da avaliação do desempenho dos alunos durante o Laboratório Vocal. A análise de cada um dos critérios foi feita, prioritariamente, no aspecto qualitativo, descrevendo os avanços de grupo e algumas citações individuais, baseadas nas falas e demonstrações dos alunos. Depois, as considerações, relacionando os dados coletados e analisados com o embasamento dos teóricos estudados. Por fim, as contribuições deste trabalho para a comunidade acadêmica e área pesquisada.

3.1 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA AÇÃO: AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DOS ALUNOS

A avaliação dos alunos deu-se durante todo o processo da pesquisa, com observações relativas às habilidades de fala e voz que desenvolviam com as atividades realizadas. Depois de cada encontro, era preenchida uma ficha que continha os critérios para serem avaliados. Assim, podia-se analisar os avanços de cada aluno participante. Cada atividade realizada na pesquisa visava cumprir o objetivo de desenvolvimento vocal infantil dos alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental através da aplicação de técnicas de Educação Musical voltada para o canto. Abaixo relaciona-se os critérios e sua análise.

3.1.1 Respiração: verificação se o aluno estava avançando na percepção e controle nos tipos costo-diafragmática, oral, nasal ou mista

Os primeiros encontros começaram com explicações sobre a respiração diafragmática, que era a mais adequada e que necessitava de mais treinamento e consciência corporal, para a colocação e emissão vocal. Alguns fizeram com esforço, precisariam de mais tempo para dominar o movimento. Somente poucos conseguiram realizar adequadamente sem levantar os ombros no início. Com o treinamento das respirações, foram percebendo a expansão da barriga e o movimento do ar. O treino de staccatos, isto é, controle da saída de ar com sons curtos, foi ficando melhor, conseguiram realizar com mais concentração.

Os materiais e objetos foram importantes para que os alunos percebessem o tipo de respiração, o controle e a projeção. Também as dificuldades, como: alguns não conseguiam encher o balão, com pouca força no sopro; para soprar o balão para cima, alguns não conseguiram direcionar o ar suficientemente para movê-lo; o mesmo aconteceu com o fio de lã, pois tinham que mantê-lo no ar por um tempo; alguns cansaram e começaram a empurrar as bolinhas com os canudos.

Ao decorrer da pesquisa, três alunos perceberam seu tipo respiratório e manifestaram que só conseguem respirar bem pela boca, com dificuldade para uma respiração nasal eficiente, um deles somente oral. Falou-se sobre os problemas de respiração oral, como falta de aquecimento do ar, secura da garganta, dificuldade de pronúncia de alguns fonemas, de articulação das palavras e roncos durante o sono. Estes identificaram-se com todos esses problemas. Foi recomendado uma consulta com o Otorrinolaringologista para avaliação deste problema, já que disseram que nunca haviam consultado sobre isso, e os sintomas poderiam ser de problemas respiratórios, como desvio de septo e carne esponjosa, que provocava a respiração oral. Essa conversa surgiu no encontro em um dia que estava muito frio, falando sobre os cuidados com a voz durante temperaturas baixas e estado gripal e porque temos mais secreção nasal na gripe e resfriado. Foram relatando suas experiências e vivências, como voz rouca, dor de garganta, acomodando os novos conhecimentos.

Os exercícios respiratórios eram retomados, nomeando cada parte do corpo e do movimento com os termos corretos, como: inspirar, expirar, diafragma, etc. Nos últimos encontros, responderam oralmente as questões sobre os tipos respiratórios e demonstraram as respirações.

3.1.2 Emissões Vocais: esta parte era avaliado o tipo de vibração e se o aluno avançava na modulação de altura dos sons

Consistia na parte mais musical do encontro, pois voltava as atividades para emissão vocal para o canto, com todos os seus aspectos: colocação, modulação, afinação. O trabalho de consciência e percepção sonora e corporal pra posterior produção vocal, nesta ordem, foi todo embasado em teorias da Educação Musical.

No primeiro encontro, foi contada a história Bia, Li e Lé, recomendada pela Fonoaudióloga entrevistada, que falava sobre as pregas vocais. Ouviram

atentamente, alguns comentaram que também ficam roucos e, aproveitando, foi enfatizado partes da história que falavam sobre cuidados vocais. Outros materiais e histórias foram utilizados para demonstrar o funcionamento das pregas vocais, como a maquete do rolinho e elástico, barulho com o ar saindo pela boca esticada do balão, vibrações da voz que passam pelo fio de um telefone feio com potinho de iogurte. Esses recursos, combinado a gravação de sua voz na execução das músicas e parlendas, auxiliaram nos seus conhecimentos e percepções da sua voz. Ao serem questionados durante a pesquisa, lembravam sobre as histórias da parte das pregas vocais com calos, dos gritos da Rita, das pregas vocais vibrando, as maquetes e o vídeo que viram nas aulas.

Na atividade com as cartelas de vocalização e modulação de altura de voz, deveriam para os desenhos e criar um som que combinasse com a imagem, sem um modelo vocal. Alguns alunos insistiam em gritar e forçar a garganta nas vocalizações, não realizando a diferença de altura, mas sim de intensidade. Foi preciso que sentissem a vibração das pregas vocais, colocando a mão no pescoço, explicando a diferença de fazer agudo ou fazer forte. Alguns não realizaram muita modulação vocal para graves e agudos, usaram mais a diferença entre curto e longo do mesmo fonema.

As crianças assistiram o vídeo A Fábrica da Voz no quarto encontro, quando já tinha sido falado e percebido exteriormente, no seu corpo, a produção vocal. Este dividiu em três andares as partes do corpo, para que servem, com o nome e a função de cada um, formulando os conceitos, e foi bastante proveitoso para que entendessem o funcionamento da voz. Os alunos ficaram muito interessados nas partes do corpo que apareceram, prestaram atenção nas falas e nos movimentos. As reações foram diversas, o que mais chamou a atenção deles foi o movimento das costelas e do pulmão, as pregas vocais e a epiglote. Depois de assistir, falaram sobre o que viram, fazendo diversos comentários. Este assunto tratado no vídeo, com os três andares, foi retomado em outros encontros, lembrando os nomes e funções de cada parte, toda vez em que era necessário. Precisava, porém, uma atividade de fixação para que possam retomar e assimilar a aprendizagem. Para isso, ao realizar desenhos das partes no quadro, perguntando os nomes dos órgãos envolvidos e sua função para a respiração e voz, ainda lembravam e sabiam relatar sobre o que viram, coletivamente.

Ao realizar os trabalhos de produção vocal para o canto, foi utilizado o Manossolfa de Kodály, para a diferenciação visual da altura dos sons, começando pelo intervalo de terça menor, depois quarta e quinta. Para este grupo, a afinação ou a percepção da diferença de alturas ainda não estava consolidada, não conseguiram realizar a entonação correta nos primeiros ensaios vocais. Precisava ser retomado mais a diferenciação pelo manossolfa de Kodály, que foi insistentemente realizado nos versos e parlendas a terça menor antes de introduzir uma terceira nota. Para essas canções mais antigas e repetidas, realizavam melhor e a maioria com afinação para dois tons na terça menor. Os trabalhos prosseguiram na ampliação do alcance melódico, com música Ana Sobe o Morro, mostrando no Xilofone a ascendência e descendência dos sons, para que compreendessem o movimento melódico visualmente e auditivamente, realizando com a voz, olhando o som subindo e descendo no instrumento. Com repetição das canções e técnicas, falando sobre voz de peito e de cabeça, para que percebessem em seu corpo a subida e descida na produção vocal, demonstravam cada vez mais conseguir modular a voz, mostrando mais segurança para realizar os sons vocais solicitados, com as falas e os cantos na altura média. Percebiam a mudança de altura, mas precisariam de mais tempo e treinamento vocal do que o oferecido durante a pesquisa para estabilizar a afinação. A intensidade vocal foi melhorando, não com gritos, mas com mais emissão e articulação.

No primeiro encontro, foi realizado uma atividade avaliativa com um desenho sobre como percebiam a sua voz. Nas representações, apareceram elementos musicais, como notação convencional ou linhas representando as emissões vocais; elementos físicos, com partes da boca e do aparelho respiratório que realizavam a produção vocal; ou então elementos psicológicos, que evidenciavam sua frustração diante da dificuldade em produzir e comunicar-se adequadamente (uma das alunas desenhou uma janela quebrada, por exemplo, explicando que sua voz fazia o vidro quebrar). No último encontro, seria realizada uma outra atividade de desenho que representasse os conhecimentos adquiridos, porém o espaço reduzido da sala e as contribuições dos alunos durante as aulas foram suficientes para que se tivessem parâmetros avaliativos. Portanto, foi mais importante para os alunos que mostrassem suas produções vocais, convidando familiares para uma apresentação, significando seu aprendizado sobre estas. Sendo assim, repassaram todas as canções e

parlendas. Na apresentação, mostraram as respirações, alongamentos, falaram sobre as histórias e conhecimentos e demonstraram todo o repertório trabalhado.

Este grupo precisava constantemente de um modelo vocal, neste caso a professora, pois, ao ser formado por uma junção de alunos com dificuldades vocais, não encontravam no coletivo uma referência auditiva. As atividades também demonstraram as dificuldades de indivíduos do grupo. Um deles não emitiu som algum durante os encontros, vindo a abandonar as atividades do Laboratório Vocal na metade. Ao conversar com a professora titular do aluno, viu-se que este também manifestava dificuldades de compreensão, tendo sido encaminhado para avaliação neurológica. Um dos alunos realizou agudo, depois muito grave; nas observações, percebia-se que estava em processo de muda vocal, procurando estabilizar sua voz com experimentação. Um outro aluno sempre realizava as canções muito agudo e forte, como grito, quase no final da pesquisa começou a experimentar uma afinação. A maioria dos alunos apresentaram dificuldades de memorizar as letras, precisavam de bastante repetição com canções curtas. A cada encontro foi-se percebendo mais as questões de tensão e esforço demasiado de alguns alunos, que provocava rouquidão. Os alunos que mais demonstraram e participaram das atividades foram os do primeiro ao terceiro ano. Os do quarto e quinto ficaram mais observando e realizaram timidamente as emissões. Foram estes últimos também os que apresentam mais dificuldade na articulação e afinação.

3.1.3 Articulação e ressonância: avaliação da articulação dos fonemas, reconhecimento dos sons e ressonância, projetando adequadamente a voz para a fala e o canto

Nesta parte das aulas, todas as músicas e parlendas foram escolhidas para trabalhar a articulação dos fonemas, em nível crescente de dificuldade e de acordo com aqueles que o grupo tivesse maior necessidade de domínio.

A música “O Sapo não Lava o Pé”, foi escolhida para o primeiro encontro por que era uma melodia bem conhecida de todos, para que pudessem cantar logo e realizar a articulação das vogais sem precisar aprender uma nova canção, avaliando o que já conseguiam realizar e estabelecer um ponto de partida para os trabalhos. A mesma função tinha a música Tiraritumba, que era a articulação e vocalização de vogais. Alguns alunos ainda não realizavam bem o movimento da boca,

permanecendo “pequena” para a articulação, parecendo que apresentavam pouca força muscular para realizar o movimento correto. Foi repetido e solicitado para exagerarem bem na abertura, para soar mais. A repetição e correção dos movimentos e sons foi uma constante em todos os encontros, fazendo com que os alunos percebessem, escutassem e se conscientizassem de uma melhor forma de execução. A música “Para Cantar Bem” mostrava cada um dos movimentos que é preciso para uma boa articulação para o canto, foi realizado devagar cada um deles, incentivando o esforço de articulação. A música Labiti foi utilizada para a produção dos fonemas L, B e T, fazendo primeiro a articulação destes, depois a música e então o movimento dos ombros. Isto foi bastante difícil para os alunos, pois coordenava as atenções, precisando automatizar os movimentos e sons. Na música O Relógio, fizeram os sons TIC e TAC, com o fonema K, falaram a letra com ritmo e depois cantaram com auxílio do áudio. Como não foi entregue o texto da música, lembraram pouco, precisando ser repetida em todos os encontros antes de realizar. A maioria tinha dificuldades de memorizar as letras, precisavam de bastante repetição. As gravações das vocalizações dos alunos durante o canto foi importante para escutarem sua voz e identificarem seus sons, com os acertos e erros.

As parlendas foram escolhidas para enfatizar o fonema a ser treinado através de colocação vocal para o canto e fala ritmada. Para isso foi necessária uma explanação sobre os sons de cada letra do alfabeto (fonemas). Com as vogais, colocaram a mão na garganta, abaixo da epiglote para sentir a vibração das pregas na produção do som. Houve alguns que comentaram que mexia na garganta quando falavam a letra. Separou-se cada uma das consoantes em: produzidas na garganta, lábios, dentes, pela língua e pelo nariz. Fizeram o som de cada uma delas, escrevendo em uma tabela no quadro, explicando a produção dos sons. A maioria deles conseguiu perceber de onde vinha o som de cada uma das letras, realizando este e nomeando. Em quase todos os encontros foi preciso ser de retomada e fixação dos sons, separando em vocais, garganta, lábios, língua, dentes e nariz, realizando os sons de acordo com as categorias, colocando a mão perto de onde saía o som.

A parlenda Lé com lé foi escolhida para o fonema L e o encontro consonantal CR, com ritmo e Manossolfa. Alguns tiveram dificuldades com a sílaba CRÉ, devido ao encontro consonantal com R. Uma amarelinha no chão foi feita com a fita crepe e cada um deveria passar por ela e falar a parlenda Lé com Lé. Para alguns, foi fácil

falar os sons e fazer os movimentos, mas a maioria precisava de modelo. Dois alunos não conseguiram nem com modelo. Um deles não emitiu som. Dois não conseguiram realizar o encontro consonantal CR.

Para o treino da letra P, com explosão de lábios, observando o articulema, realizaram a parlenda Pinto Pia, com fala e ritmo. Pareceu fácil para eles e conseguiram realizar a letra corretamente. No final dos encontros, eram retomados os fonemas fazendo uma roda de alunos, sentados no chão, e realizando os sons, falando uma palavra com cada letra do alfabeto e os outros repetiam, ou então, falar mais rápido as parlendas, com ritmo, para maior articulação dos sons e fonemas.

A articulação e sonorização de vogais transcorreu sem maiores problemas, depois de algum treinamento articulatório, entenderam o formato da boca para a realização de cada fonema, sentindo a vibração das pregas vocais, colocando a mão no pescoço. Nas atividades de fala com ritmo, enfatizou-se que deveria ser bem silabado e articulado para que todos na sala ouvissem e repetissem. Com isso, alguns alunos precisaram repetir sua fala, de modo mais articulado e audível. A maioria evoluindo bem nas articulações depois de algum treinamento e conscientizações, mas ainda assim alguns alunos não conseguiram articular ritmo da sílaba com a fala, mesmo repetindo e fazendo junto.

O grupo apresentava muitas lacunas no desenvolvimento vocal, como falta de tonicidade de língua, pouca articulação e colocação vocal, até mesmo pouco envolvimento nas produções orais. Através de uma brincadeira, colocar uma bala na ponta da língua e mantê-la nesta posição por mais tempo, percebeu-se que a maioria deles apresentava a língua mole, (hipotonia de língua), pois quase todos não conseguiam nem esticar a ponta da língua para que se colocasse a bala, muito menos suportar o peso desta na ponta. Foi bem difícil para eles, não era só a ansiedade para comer o doce.

Os alunos estavam entendendo como funciona sua voz, isso foi importante para sua identidade, pois compreendiam como fazer para articular melhor os sons, controlar o ar e compreender porque nem sempre a emissão sai correta. Ao serem questionados sobre como estava sua voz, depois das aulas, falavam sobre o que aprenderam dos cuidados com a voz, do som das letras e como faz, procurando não gritar e abrir mais a boca pra falar, transmitindo bastante segurança para relatar isso, como se soubessem mesmo o que falar, porque pensaram no assunto.

3.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS, RELACIONANDO COM O REFERENCIAL TEÓRICO ESTUDADO

A Educação Musical nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental tem como um de seus conteúdos e objetivos a prática vocal, com um trabalho voltado para o aprimoramento das habilidades necessárias para este, proporcionando vivência antes da sistematização dos aspectos formais, com processos de desenvolvimento naturais, orgânicos e psicológicos esperados a cada faixa etária. A maior parte das crianças demonstrou uma predisposição para o canto, que, aliado às técnicas educativas lúdicas, motivadoras e materiais educativos adequados, contribuem para o desenvolvimento de habilidades orais e vocais. O trabalho coletivo de canto com crianças na escola permite promover um equilíbrio vocal, comparando e apoiando os participantes, fornecendo modelos vocais adequados.

No entanto, algumas crianças apresentam dificuldades para realizar corretamente sua produção vocal, na modulação ou articulação dos fonemas. Com isso, não conseguem expressar-se nos padrões esperados através da fala, limitando sua produção vocal, travando seu desenvolvimento, que acaba se tornando um ciclo de repetição. Com esta pesquisa, pode-se afirmar que a Educação Musical poderia contribuir muito para prevenir e auxiliar essa formação inadequada, na medida em que o profissional da educação consiga identificar das causas e sistematizar o ensino de Música em sala de aula, promovendo uma prática intensiva e consistente de educação fonatória saudável através do canto.

A presente pesquisa consistiu em analisar e compreender a inter-relação entre voz falada e cantada, focando a educação vocal e fonatória através da Educação Musical e refletindo sobre a contribuição desta para a formação integral de crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Para isso, fez-se necessário buscar o que já havia-se escrito sobre a Educação Musical nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, sob a dimensão do canto e seu papel na formação vocal dos alunos. As considerações de Gainza, Mársico, Kodály e Willems foram a base para a prática realizada. Hemsy de Gainza (1964) apresenta sobre os processos psicopedagógicos da educação musical nas escolas e a prática para o desenvolvimento vocal das crianças. Mársico (1979) sobre a aula de Música na escola e pelo seu valor educativo. A pedagogia de Kodály contribui com técnicas de alfabetização musical através de melodias folclóricas, na língua materna. Willems

oferece concepções sobre o ensino de Música como valor humano para a formação integral do indivíduo.

Para compreensão e conhecimento sobre as causas e conseqüências de dificuldades vocais e de fala em crianças de idade escolar, identificando os problemas de fonação mais comuns apresentados nas salas de aula, visando buscar alternativas de ação pedagógica, através da expressão artística, buscou-se material publicado nas áreas de Fonoaudiologia, Arteterapia e Musicoterapia. A teoria Piagetina e Vygotskyana foram consultadas para entender os processos de aquisição de linguagem e suas relações com o pensamento, assim como para a compreensão da importância da ferramenta linguagem nas relações sociais humanas.

O grupo foi selecionado com a indicação, pelos professores titulares de turma, de alunos dos Anos Iniciais de uma escola que apresentassem dificuldades vocais e de fala, para participarem de uma aula de Música no turno vespertino, aplicando atividades musicais com o objetivo de desenvolver e estimular a educação vocal e fonatória, analisando as relações entre voz falada e cantada e a formação fonológica e refletindo a contribuição do processo da ação pedagógica e da Educação Musical sobre voz falada e cantada para a formação integral das crianças.

Nesta prática de pesquisa ação com os alunos que foram encaminhados, podia-se perceber consciência da sua inabilidade para expressar-se, de acordo com a linguagem, dentro dos parâmetros adequados, o que lhes causava transtornos de comunicação. Porém, mesmo percebendo esta dificuldade, a maioria dos alunos não tinha conhecimento dos processos de formação da voz e fala, e não entendia a causa das suas dificuldades, tomando por uma falta individual. Ficou evidente a pouca experiência vocal dos alunos, presumindo-se que privavam-se de explorar sua voz, sendo confundidas, muitas vezes, com timidez para falar. Outras vezes, o problema vocal estava vinculado a maus hábitos ou abuso da voz. O conhecimento do funcionamento do aparelho vocal e consciência de uma melhor colocação e produção vocal foi suficiente para que o aluno pensasse em uma nova atitude, promovendo a higiene da voz. Os alunos estavam entendendo sobre a fisiologia da sua voz, isso foi importante para sua identidade, pois compreendiam como fazer para articular melhor os sons, controlar o ar e compreender porque nem sempre a emissão sai correta. O trabalho sistematizado e contínuo de música, realizado numa

crescente de etapas e progressos no controle respiratório, muscular e articulatório, proporcionou aos alunos uma evolução nas suas produções vocais.

Como o objetivo era que pudessem ter mais percepção e consciência fonológica para sua produção vocal, foi imprescindível o começo dos trabalhos de Educação Musical com os primeiros passos de desenvolvimento vocal para o canto. O método de alfabetização musical de Kodály, com o treinamento intervalar de terças, quartas e quintas dentro de uma escala pentatônica trouxe segurança para afinação dentro de uma zona confortável. Devido ao curto tempo de atuação, o uso de canções folclóricas conhecidas evocou memórias já consolidadas, pois a maioria demonstrava dificuldades de memorizar as letras, precisava de bastante repetição com canções curtas. O caráter coletivo do trabalho do Laboratório Vocal, aliado à proposta de utilizar músicas e parlendas de fácil execução e memória, foi trazendo mais confiança para que conseguissem maior colocação vocal.

As atividades coletivas de treinamento favoreciam a experimentação, principalmente dos alunos mais novos, devido ao caráter lúdico, musical e às repetições, mas também demonstraram as dificuldades de indivíduos do grupo pois, ao ser formado por uma junção de alunos com dificuldades vocais, não encontravam no coletivo uma referência auditiva, precisavam constantemente de um modelo vocal, neste caso a professora. Aqui ficou bem evidenciado a necessidade de que os trabalhos musicais fossem realizados numa classe heterogênea, como em uma sala de aula regular, em que a multiplicidade de níveis de desenvolvimento vocal traria suporte e apoio vocal, favorecendo a evolução do aluno ao ouvir um modelo vocal infantil estável, não somente o modelo adulto. Ao professor bem preparado e conhecer das etapas de desenvolvimento vocal infantil também facilitaria um olhar atento para as individualidades, com técnicas para ajudar nas dificuldades, para que realizassem vocalizações, experimentando sua própria voz, até que conseguissem uma produção estável e tonalizada. Com mais tempo de um trabalho sistematizado e contínuo de técnica vocal, conseguiriam fortalecer seu aparelho vocal e, conseqüentemente, as manifestações sociais através da linguagem.

O grupo apresentava muitas lacunas no desenvolvimento vocal, como falta de tonicidade de língua, pouca articulação e colocação vocal, até mesmo pouco envolvimento nas produções orais. A cada encontro foi-se percebendo mais as questões de tensão e esforço demasiado de alguns alunos, que provocava rouquidão. A maioria evoluiu bem nas articulações depois de algum treinamento e

conscientizações, mas ainda mantiveram-se questões que somente poderão ser tratadas com profissionais da área da saúde, ligados à Fonoaudiologia e Otorrinolaringologia. Porém, a aula de música tornou-se um importante espaço de desenvolvimento das suas potencialidades, ao poderem expressar-se musicalmente e superar as suas limitações.

Este trabalho de pesquisa trouxe contribuições para três áreas que estão transversalmente ligadas ao assunto tratado. Na Educação Musical, com o conhecimento das etapas do desenvolvimento vocal infantil para o canto nas várias faixas etárias da criança, das técnicas utilizadas para o trabalho vocal e dos problemas relacionados, evidenciando o canto como uma importante habilidade a ser desenvolvida na formação da musicalidade da criança. Ainda sobre as potencialidades vocais, mas na área da Saúde, com os ramos da Fonoaudiologia e Musicoterapia, ao entender o funcionamento e maturamento esperado da voz infantil, quais as disfunções decorrentes de mau uso ou de atrasos de desenvolvimento, e as técnicas de expressão artísticas utilizadas para o trabalho com voz e fala. Na Pedagogia, com estudos sobre a aquisição da linguagem infantil em seus aspectos psicopedagógicos, utilizando a língua materna, canções folclóricas e fala ritmada para construir competências ligadas à habilidade da fala, além das dificuldades de aprendizagem e interações sociais ligadas à linguagem.

Analisando as relações entre voz falada e cantada, pode-se ver que a Educação Musical com um trabalho sistematizado para o desenvolvimento vocal infantil tem muito a contribuir para a formação fonológica da criança, na medida em que acompanha e analisa o processo da ação pedagógica na evolução de habilidades e competências de linguagem, com aprendizagens significativas e prazerosas, refletindo na formação da musicalidade e dos sujeitos.

3.3 AS AULAS DE MÚSICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DOS INDIVÍDUOS

Com a visão fundamental em que a Educação seja um processo de formação do ser humano como um sujeito total, integral, pleno de conhecimentos, cultura, identidades e valores, entre outros aspectos, a constituição dos saberes e aprendizagens significativas abrange as diferentes manifestações de linguagens,

uma delas a música, para desenvolver a expressão artística com todas as subjetividades e objetividades. A concepção da música como valor humano, integrando o cognitivo, físico e emocional, estabelece as bases para a formação do ser integral em crescimento: a criança. Esse processo educacional contempla a pluralidade dos sujeitos, com suas habilidades ou inabilidades.

Esta pesquisa mostrou que, pensando na Educação Musical como processo de ação pedagógica, favorecendo o desenvolvimento vocal para o canto ao agir preventivamente e estimulando o aprimoramento das habilidades vocais, estabelece uma inter-relação de saberes e competências para a fala e o canto. Os dizeres dos alunos participantes da pesquisa e dos responsáveis destes, reforçou a importância da ênfase no desenvolvimento vocal destas crianças, visto que percebiam suas dificuldades, trazendo transtornos como problemas de comunicação e vergonha de expressar-se, que com o canto conseguiram uma produção vocal melhorada através do conhecimento e estimulação da prática vocal dirigida.

Este trabalho contribuiu para enfatizar a importância da oferta regular e contínua do Ensino de Música dentro do período em que compreendem os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, que favorece o fortalecimento de uma sistematização da educação vocal de forma dirigida e bem trabalhada, trazendo práticas que indicam habilidades adquiridas em sequência.

Com a pesquisa, também vem à tona a importância da valorização da Educação Musical nas escolas, com um trabalho pedagógico-musical, formadora de identidades e sujeitos, tendo o canto e a música em geral como uma significativa fonte de vivências e aprendizados, uma área de aprendizagem em que um dos objetivos é a formação de uma expressão artística que se estende para a habilidade de comunicação e fala, através da transversalidade de seus conhecimentos.

Tratou-se também da importância da formação do professor de Música, como este pode auxiliar no desenvolvimento integral dos indivíduos, nos aspectos cognitivo, afetivo e nas relações interpessoais dos estudantes, estimulando processos saudáveis de fonação nas aulas de Música. O professor conhecedor das etapas do desenvolvimento vocal infantil, preparado para a condução de aulas com objetivos claros e bem definidos, numa ordem crescente de habilidades, fornecendo um modelo vocal saudável e afinado para os alunos, torna-se formador de bons hábitos e condutas para uma educação vocal do indivíduo. Nesta pesquisa, mostrou-se evidente que os cursos de formação de professores de música devem ofertar e

valorizar em seu currículo o conhecimento sobre o desenvolvimento da voz infantil para o canto.

Muitos trabalhos importantes foram feitos em épocas anteriores, quando a Educação Musical se fazia presente nas escolas. A temática da Educação Musical foi recentemente retomada nas práticas educativas escolares, mas ainda não implementado nas escolas de Educação Básica. Por isso, devido a essas contemporaneidades, ainda há muito o que ser pesquisado sobre o desenvolvimento de habilidades e competências na ação pedagógica da Música nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, entre elas a educação vocal. Para isso, novas pesquisas poderão ser realizadas, analisando as influências da Educação Musical na formação integral das crianças de hoje.

REFERÊNCIAS

BAÊ, Tutti; PACHECO, Cláudia. **Canto**: equilíbrio entre som e corpo: princípios da fisiologia vocal. São Paulo: Irmãos Vitale, 2006.

BEHLAU, Mara; REHDER, Maria Inês. **Higiene vocal para o canto coral**. Rio de Janeiro: Revinter, 2009.

BEYER, Esther Sulzbacher Wondracek. A construção de conceitos musicais no indivíduo: perspectivas para a educação musical. **Em Pauta**, Porto Alegre, v. 6-7, n.10, p. 22-31, 1995.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 10 nov. 2017.

_____. **Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11769.htm>. Acesso em: 10 nov. 2017.

_____. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

DANESI, Marlene Canarim; PINTO, Bárbara de Lavra (Org.). **Fonoaudiologia e linguagem**: teoria e prática lado a lado. Porto Alegre: Sulina; Editora Universitária Metodista, 2007.

FONSECA, Vitor da. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. 2. ed., rev. ampl. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **De tramas e fios**: um ensaio sobre música e educação. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2008. (Arte e educação).

FONTENELLE, Sandra Galvão. **Bia Li e Lé**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1997.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HEMSY DE GANZA, Violeta. **La iniciación musical del niño**. Buenos Aires: Ricordi, 1964.

_____. **Estudos de psicopedagogia musical**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1988.

JARDINI, Renata Savastano Ribeiro. **Método das boquinhas**: alfabetização e reabilitação dos distúrbios da leitura e escrita: caderno de exercícios, livro 2. 2. ed. São José dos Campos: Pulso, 2008.

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. **O ensino de música na escola fundamental**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

MAFFIOLETTI, Leda de Albuquerque. Práticas musicais na educação infantil. CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva (Org.). **Educação infantil: pra que te quero?**. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 123-134.

MÁRSICO, Leda Osório. **A voz infantil e o desenvolvimento músico-vocal**. Porto Alegre: EST, 1979.

MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (Org.). **Pedagogias em educação musical**. Curitiba: Ibplex, 2011. (Série Educação Musical).

MUNIZ, Flavia, **Rita não grita**. 42. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2010.

PIAGET, Jean. **A linguagem e o pensamento da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PIAGET, Jean; INHELDER, Barbel. **A psicologia da criança**. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

PINHO, Sílvia Maria Rebelo et al. **Manual de saúde vocal infantil**. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

ROTTA, Newra Tellechea et al. **Transtornos da aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SCHAFER, Murray. **O ouvido pensante**. São Paulo: UNESP, 1991.

SOBREIRA, S. **Desafinação vocal**. Brasília: Musimed, 2003.

SOUZA, Jusamara. (Org.). **Música, cotidiano e educação**. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da UFRGS, 2000.

SOUZA, Solange Jobim e. **Infância e linguagem**: Bakhtlin, Vygotsky e Benjamin. Campinas: Papyrus, 1994.

VILELA, Ana Luisa Miranda. Glote. **Anatomia e fisiologia humanas**. Disponível em: <<http://www.afh.bio.br/curiosidades/img/glote.jpg>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ZENDER, Oscar. **Regência coral**. São Paulo: Movimento, 1975